

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO,  
SOCIEDADE E CULTURA DIGITAL**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM COMUNICAÇÃO DIGITAL  
E CULTURA DE DADOS**

**CARLA REGINA DE OLIVEIRA**

**MEMÓRIA E NARRATIVA DIGITAL COMO ESTRATÉGIA DE VISIBILIDADE E  
EMANCIPAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO MULHERES DA LUZ**

**RIO DE JANEIRO – RJ**

**2026**

**CARLA REGINA DE OLIVEIRA**

**MEMÓRIA E NARRATIVA DIGITAL COMO ESTRATÉGIA DE VISIBILIDADE E  
EMANCIPAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO MULHERES DA LUZ**

Relatório técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em Comunicação Digital e Cultura de Dados, da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Carolina Medeiros

RIO DE JANEIRO – RJ

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/FGV

Oliveira, Carla Regina de

Memória e narrativa digital como estratégia de visibilidade e emancipação: a experiência do Coletivo Mulheres da Luz / Carla Regina de Oliveira. – 2026.

57 f.

Dissertação (mestrado) – Escola de Comunicação, Mídia e Informação da FGV.  
Orientador: Maria Carolina El-Huaik de Medeiros.

Inclui bibliografia.

1. Comunicações digitais. 2. Mulheres. 3. Prostituição. 4. Memória coletiva. I. Medeiros, Maria Carolina El-Huaik de. II. Escola de Comunicação, Mídia e Informação da FGV. III. Título.

CDD – 306.74082

Elaborada por Marcelle Costal de Castro dos Santos – CRB-7-RJ-007517/O

Rio de Janeiro, março de 2026

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, MÍDIA E INFORMAÇÃO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM COMUNICAÇÃO DIGITAL E CULTURA DE DADOS  
FOLHA DE APROVAÇÃO

CARLA REGINA DE OLIVEIRA

“MEMÓRIA E NARRATIVA DIGITAL COMO ESTRATÉGIA DE VISIBILIDADE E EMANCIPAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO MULHERES DA LUZ”.

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM COMUNICAÇÃO DIGITAL E CULTURA DE DADOS QUE CONFERIU O GRAU DE MESTRA EM COMUNICAÇÃO DIGITAL E CULTURA DE DADOS.

DATA DA DEFESA: 09/03/2026

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE DA COMISSÃO EXAMINADORA: PROF<sup>a</sup> MARIA CAROLINA EL-HUAIK DE MEDEIROS

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>  
PROF<sup>a</sup> MARIA CAROLINA EL-HUAIK DE MEDEIROS  
ORIENTADORA

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>  
PROF<sup>a</sup> BEATRIZ BERALDO BATISTA  
MEMBRO EXT -UNB

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>  
PROF<sup>a</sup> MARIA SIRLEIDY DE LIMA CORDEIRO  
MEMBRO INT. - PPGCOM/FGV ECMI

RIO DE JANEIRO, 09 DE MARÇO DE 2026.

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>  
PROF. MARCO AURELIO RUEDIGER  
DIRETOR

<ASSINADO ELETRONICAMENTE>  
PROF. ANTONIO DE ARAUJO FREITAS JUNIOR  
PRÓ-REITOR DE ENSINO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ESTE É UM TRABALHO ORIGINAL ONDE FOI VERIFICADA A NÃO EXISTÊNCIA DE PLÁGIO E DE UTILIZAÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, NÃO EXPLICITADA, NO CORPO DO TRABALHO ATESTADO PELO ALUNO(A) E ORIENTADOR(A). ESTE DOCUMENTO NÃO CONFERE TÍTULO. PARA TAL DEVERÃO SER CUMPRIDOS OS REQUISITOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.

## AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi o resultado de uma trajetória iniciada lá atrás, quando aquela menina curiosa e questionadora, sempre de camiseta branca e calça jeans, descobriu na educação uma porta para transformar o mundo e a si mesma. O percurso não foi fácil, mas foi sustentado por uma rede afetiva de família e por professoras e professores que despertaram nela o interesse pela literatura, pela história, pelo esporte e, sobretudo, pela arte e pela cultura. Essas duas últimas abriram portas inimagináveis e revelaram histórias que ela narra com orgulho.

Viver a (da) arte e a (da) cultura tornou-se parte inseparável de sua vida, atravessando o cotidiano e até o modo como escolhe seus destinos de férias. Nesse universo pulsante, ela viu o potencial humano florescer, testemunhou talentos e pessoas descobrindo novas possibilidades de existir. Foi ali que percebeu o potencial transformador da cultura e, de certo modo, foi ali também que encontrou sua própria vocação.

Concluir este mestrado articulando dimensões sociais, artísticas, culturais e comunicacionais não foi apenas uma escolha metodológica, mas algo que pareceu natural, quase inevitável. E, se essa trilha não se desviou, foi porque, mais uma vez, ela encontrou uma professora e orientadora, Maria Carol Medeiros, capaz de reconhecer aquilo que, desde o início, esteve em construção: uma trajetória dedicada a produzir sentido, a gerar encontros e a afirmar a potência humana que persiste onde tantos se recusam a enxergar.

Obrigada a todas as pessoas que contribuíram com a minha jornada, especialmente à minha mãe, minha filha e à minha família, feita por mulheres fortes e inspiradoras.

## RESUMO

Este estudo investiga como narrativas digitais contribuem para a produção de sentidos e para a visibilidade social e simbólica de mulheres em situação de prostituição. A memória é compreendida como construção coletiva, atravessada por disputas simbólicas em contextos de desigualdade de gênero, raça, classe e território. Embora possam reproduzir estereótipos, as narrativas digitais funcionam como instrumentos de resistência e reconstrução identitária, permitindo a emergência de vozes historicamente marginalizadas.

A fundamentação teórica do estudo apoia-se em abordagens e conceitos relativos à memória e à história, tanto escrita quanto oral, às representações sociais e à construção da identidade, bem como aos meios de comunicação, à cultura digital e aos sistemas de poder. A partir dessas perspectivas, a pesquisa analisa a prostituição como fenômeno socialmente construído, atravessado por estigma e exclusão, e investiga como a cultura digital reconfigura a construção e o compartilhamento de memórias coletivas.

A metodologia da pesquisa utilizada foi orientada pelas premissas de Luis Martino (2018), a partir de uma abordagem qualitativa. Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas, conduzidas em encontros presenciais com uma das fundadoras do Coletivo Mulheres da Luz, mulheres atendidas pelo coletivo e a educadora do Programa de Inclusão Sociocultural (PISC) da Pinacoteca de São Paulo.

Como produto, será produzido um episódio piloto de uma websérie documental, *À luz da memória: Mulheres que resistem*, com relatos audiovisuais das participantes, com o objetivo de valorizar trajetórias, ampliar a visibilidade simbólica dessas mulheres e inserir os resultados no debate acadêmico, com implicações para políticas públicas e instituições culturais.

**Palavras-chave:** Memória; mulheres; prostituição; narrativas digitais; Mulheres da Luz.

## ABSTRACT

This study investigates how digital narratives contribute to the production of meaning and to the social and symbolic visibility of women in prostitution. Memory is understood as a collective construction, shaped by symbolic struggles within contexts of gender, racial, class, and territorial inequality. While digital narratives can reproduce stereotypes, they also function as instruments of resistance and identity reconstruction, enabling the emergence of historically marginalized voices.

The theoretical framework of the study draws on approaches and concepts related to memory and history, both written and oral, social representations, and identity formation, as well as on media, digital culture, and systems of power. From these perspectives, the research examines prostitution as a socially constructed phenomenon, marked by stigma and exclusion, and explores how digital culture reconfigures the production and sharing of collective memories.

The research methodology was guided by the premises proposed by Luis Martino (2018) and was grounded in a qualitative approach. Four semi structured interviews were conducted in face to face meetings with one of the founders of the Coletivo Mulheres da Luz, women supported by the collective, and the educator of the Sociocultural Inclusion Program (PISC) at the Pinacoteca de São Paulo.

As a final product, a pilot episode of the documentary web series *À Luz da Memória: Mulheres que Resistem* will be produced, featuring audiovisual testimonies from the participants. The aim is to highlight their life trajectories, expand the symbolic visibility of these women, and bring the results into the academic debate, with implications for public policies and cultural institutions.

**Keywords:** Memory; women; prostitution; digital narratives; Mulheres da Luz.

# **Sumário**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1.1 JUSTIFICATIVA</b>	<b>16</b>
<b>2. Discussão teórico-metodológica</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Prostituição 2.0: o corpo como capital</b>	<b>22</b>
<b>2.2 Percurso metodológico</b>	<b>29</b>
<b>3. Discussão sobre o formato</b>	<b>36</b>
<b>4. Apresentação do produto</b>	<b>37</b>
<b>EPISÓDIOS</b>	<b>39</b>
<b>4.1 Públicos e potenciais modos de circulação do produto</b>	<b>41</b>
<b>4.2 Aplicação do produto</b>	<b>44</b>
<b>5. Considerações finais</b>	<b>45</b>
<b>6. Referências</b>	<b>47</b>
<b>7. Apêndices</b>	<b>53</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Mais do que um fenômeno individual, a memória é também um processo social, no qual as sociedades constroem representações do passado que moldam suas identidades coletivas. Estudos sobre o tema buscam compreender como a memória coletiva, a forma como um grupo se relaciona com seu passado, é construída, compartilhada e circulada, influenciando as experiências do presente. Ao contrário da história, que se baseia em registros sistemáticos, a memória estabelece uma relação afetiva com o vivido. Maurice Halbwachs (1990) destaca a importância da memória coletiva para a coesão social, introduzindo a noção de “comunidade afetiva”, que permanece viva ao conservar os aspectos significativos para o grupo.

A memória coletiva não se limita a reconstruir o passado; ela constitui um campo simbólico que orienta modos de existência, resistência e enunciação de sujeitos. Michael Pollak (1989) evidencia sua centralidade na formação das identidades coletivas e no exercício do poder, mostrando que a memória é atravessada por disputas e desigualdades. Refletir sobre ela nesse sentido exige considerar os contextos em que grupos, especialmente aqueles marcados por vulnerabilidade social, elaboram suas narrativas e enfrentam estigmas e preconceitos.

É nesse ponto que se insere a discussão sobre a prostituição: mais do que uma prática socialmente localizada, ela constitui uma construção simbólica sustentada por representações hegemônicas que produzem narrativas, silenciamentos e exclusões. A articulação entre memória e prostituição mostra como esses discursos são perpetuados, mas também como iniciativas de preservação e circulação de memórias podem se transformar em estratégias de resistência e afirmação de identidades.

Na contemporaneidade os meios digitais ampliam a produção e circulação de narrativas de grupos historicamente marginalizados. Arquivos comunitários, projetos colaborativos e produções audiovisuais tornam visíveis experiências silenciadas ao articularem memória e ação política. Essas iniciativas atuam no campo simbólico possibilitando processos de reconhecimento.

É nessa perspectiva de construção de memórias coletivas e enfrentamento de processos de exclusão que se insere o trabalho do Coletivo Mulheres da Luz<sup>1</sup>, fundado em 2013 por Cleone Santos, falecida em 2023 e por Regina Célia Coradin, ainda atuante no coletivo. Atuando no entorno do Parque da Luz, na cidade de São Paulo, o coletivo desenvolve ações de saúde, educação, assistência e cultura junto a mulheres em situação de prostituição. Sua prática, fundamentada na escuta ativa, no fortalecimento de vínculos e na promoção de direitos,

---

<sup>1</sup> <https://www.mulheresdaluz.com.br/>

configura-se como um espaço de construção de memória social, enfrentando o estigma e a invisibilidade dessas mulheres em meio à exploração, violência e marginalização. Como explica Regina Célia, uma das fundadoras do grupo:

[...] começamos com a bicicletoteca e também com rotas de conversa. A Cleone conhecia a mais da metade do mundo, conhecia políticos, funcionários públicos, moradores de rua, prostitutas. [...] Então, fazíamos a roda de conversa uma vez por mês, fazíamos um lanche onde nós sempre ganhávamos alguma coisa, um refrigerante, uns comes aí. Fazíamos o lanche e sempre uma pequena fala. Não era uma palestra, era uma pequena fala sobre a saúde, sobre doenças, sobretudo sexualmente transmissíveis, doenças que os filhos tinham com frequência, os netos, bronquite, essas doenças que são muito infantis, né? Conversávamos sobre isso, educação, política, sociedade.

Regina Célia, fundadora do Coletivo Mulheres da Luz<sup>2</sup>.

A pesquisa aqui desenvolvida aproxima a atuação do coletivo das possibilidades contemporâneas de preservação e difusão de memórias mediadas por tecnologias digitais. Nesse percurso, iniciativas de registro e representação podem ampliar a visibilidade dessas mulheres e deslocar narrativas dominantes na esfera pública.

Compreender a potência dessas narrativas exige, no entanto, um olhar atento para o contexto em que essas mulheres estão inseridas. Segundo Gerda Lerner (2019), a prostituição não é um fenômeno universal, mas uma instituição, enraizada na dominação patriarcal que surge a partir de processos históricos ligados ao desenvolvimento de outras estruturas sociais. Como exemplo, a trajetória de Aila Maria, mulher em situação de prostituição entrevistada para esta pesquisa, evidencia caminhos marcados por deslocamento territorial, inserção laboral precária e ruptura familiar. Ela chegou a São Paulo aos 17 anos, vinda do interior do Ceará, encontrou rapidamente trabalho, mas perdeu o emprego com o Plano Collor e não teve acesso ao seguro-desemprego. Sem apoio familiar e sem alternativas habitacionais, circulou pela cidade e, nesse contexto, ingressou na prostituição. A forma como narra sua experiência<sup>3</sup> revela a gravidade das condições estruturais que enfrentou e, ao mesmo tempo, seu esforço contínuo de reconstrução, estudo e busca por oportunidades.

O termo prostituição<sup>4</sup> refere-se a práticas em que serviços sexuais são trocados por pagamento ou benefícios materiais como moradia, alimentação e acesso a redes sociais. Há um debate consistente, tanto na produção acadêmica quanto no ativismo, que reivindica seu

---

<sup>2</sup> Fundadora do Coletivo Mulheres da Luz em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025.

<sup>3</sup> Em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025.

<sup>4</sup> FONDATION SCÉLLES. *A summary of prostitution*. Disponível em: <https://www.fondationscelles.org/en/prostitution/a-summary-of-prostitution>. Acesso em: 07 ago. 2025.

enquadramento como trabalho sexual. Segundo Roberts (1998), o termo trabalhadores do sexo, ou profissionais do sexo, emerge no contexto do fortalecimento dos movimentos sociais em defesa dos direitos de pessoas que exercem a prostituição, a partir de meados da década de 1970. Esse processo está articulado a uma proposta política de ressignificação da prostituição, compreendida como trabalho, em oposição a abordagens moralizantes ou exclusivamente repressivas, passando a enquadrar a atividade no âmbito mais amplo do comércio do sexo. A análise aqui proposta segue outra direção ao compreender a prostituição como prática atravessada por violências, desigualdades de gênero e exploração a partir de Gerda Lerner (2019). Assim, entende-se como atividade em que o corpo se torna recurso econômico, impactando sobretudo mulheres e assumindo formas diversas nas ruas, em estabelecimentos ou plataformas digitais, bem como em contextos de coerção e controle exercido por terceiros, em geral associados a processos de vulnerabilização e exploração sexual.

Estima-se que mais de 40 milhões de pessoas estejam envolvidas com a prostituição em todo o mundo, sendo 75% mulheres entre 13 e 25 anos (Meihsy, 2015). Estudos da *Fondation Scelles* (2013), organização francesa dedicada a combater a prostituição e a exploração sexual, apontam que mulheres em situação de prostituição enfrentam índices elevados de violência<sup>5</sup> física, psicológica e sexual. Elas têm de 60 a 120 vezes mais risco de serem espancadas ou assassinadas do que a população em geral, além de uma taxa de mortalidade 40 vezes superior à média nacional. Na Austrália, onde a prostituição é legalizada, 81% das entrevistadas relataram abuso sexual; em Glasgow, 94% sofreram agressão sexual nas ruas, sendo 75% vítimas de estupro por clientes. Além da violência direta, essas mulheres enfrentam pressões para manter relações desprotegidas, acordos financeiros não cumpridos e violência simbólica, ligada à estigmatização social.

Todas essas violências estão frequentemente relacionadas ao comportamento e às práticas das pessoas que buscam essas mulheres, cuja identidade, embora diversa em termos de nível educacional, condição socioeconômica e estado civil, é predominantemente masculina. Ao longo da vida, esses homens podem recorrer à prostituição de forma ocasional ou não, incluindo aqueles que buscam serviços sexuais de outros homens ou travestis e mulheres que contratam profissionais do sexo masculino. Ainda segundo os estudos da *Fondation Scelles* (2013), O turismo sexual também é uma vertente significativa dessa demanda, sendo

---

<sup>5</sup> FONDATION SCELLES. <https://www.fondationscelles.org/en/prostitution/a-summery-of-prostitution#a-universe-of-violence> Acesso em: 08 ago. 2025.

intensificado por grandes eventos, como o *Super Bowl* nos Estados Unidos, que em 2011 registrou um aumento de 136% nos anúncios de prostituição *online*.

A demanda constante sustenta uma indústria do sexo de grande porte, que movimenta cifras significativas. Ainda de acordo com a *Fondation Scelles*, estima-se que em 2011 a prostituição gerou 1,5 bilhão de euros na Grécia, cerca de 0,7% do PIB do país, mais de 2 bilhões de euros na Rússia e até 18 bilhões de euros na Espanha. Já na Alemanha, cidades como Bonn, Frankfurt e Colônia instituíram o imposto sobre o sexo<sup>6</sup>, arrecadando entre € 800.000 e € 1 milhão (US\$ 1,1 a 1,3 milhão). Parte desses lucros também é revertida para setores como turismo, hotelaria, transporte e mídia, evidenciando a integração da prostituição nas dinâmicas econômicas formais.

A expressiva circulação financeira e a presença da prostituição em distintos contextos socioculturais impulsionam debates e modelos variados de regulação estatal, moldados por valores morais, políticos e jurídicos específicos. As políticas públicas adotam diferentes abordagens, como regulamentação (Alemanha, Holanda), proibicionismo (Croácia), abolicionismo (Suécia, Noruega, França, Irlanda), despenalização total (Nova Zelândia) e penalização da intermediação (Portugal). Apesar do endurecimento legislativo, consumidores de sexo não são desestimulados e a ausência de dados sistemáticos dificulta a compreensão precisa da realidade.

No caso brasileiro, a prostituição é legal para maiores de 18 anos e reconhecida pelo Ministério do Trabalho como ocupação desde 2002, enquanto o Código Penal criminaliza atividades relacionadas à exploração sexual, com penas agravadas quando envolvem menores ou pessoas vulneráveis. Diferentemente de parte do contexto europeu, onde a prostituição se articula a fluxos migratórios, no Brasil observa-se forte relação com pobreza estrutural, violência doméstica e abandono familiar. Em São Paulo, a concentração da prostituição ocorre em áreas como Luz, Sé e Bom Retiro, territórios marcados pela marginalização urbana, intensa circulação populacional e fragilidade das políticas públicas de proteção social.

Estima-se (Meihy, 2015) que existam mais de 1,5 milhão de pessoas em situação de prostituição, sendo 78% dessas mulheres pretas, com baixa escolaridade e trajetórias marcadas por vulnerabilidade social<sup>7</sup>. Cerca de 87% atuam em espaços públicos, o que aumenta

---

<sup>6</sup> BBC NEWS Brasil. *Cidade alemã instala parquímetro para cobrar imposto de prostitutas*. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110831\\_alemanha\\_prostituta\\_bonn\\_mm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110831_alemanha_prostituta_bonn_mm). Acesso em: 07 dez. 2025.

<sup>7</sup> QG Feminista. *Prostituição: dados internacionais e situação do Brasil*. Medium. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/prostitui%C3%A7%C3%A3o-dados-internacionais-e-situa%C3%A7%C3%A3o-do-brasil-10b32b3b2689>. Acesso em: 20 jul. 2025.

significativamente sua exposição à violência, e 59% dessas mulheres chefiam seus lares: “[...] Pra mim eu acho normal, porque tem muitas mães de família responsáveis, elas tentam fazer o máximo do horário organizado, faz tudo direitinho, né? Controlam, tem a família, respeita, faz as coisas separadas”, afirma Aila Maria<sup>8</sup>.

O turismo sexual, especialmente nas regiões litorâneas do Nordeste e no Rio de Janeiro, também contribui para a exploração de crianças e atrai agressores, em sua maioria provenientes da Europa e, em menor número, dos Estados Unidos. Megaeventos esportivos como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 ampliaram os riscos, apesar dos esforços preventivos realizados por organizações não governamentais. Soma-se a esse contexto a precariedade dos serviços de saúde voltados às pessoas em situação de prostituição, o que agrava ainda mais a exclusão social ao dificultar o acesso a cuidados médicos e apoio psicossocial adequados.

Essa dimensão material de vulnerabilização se articula a processos simbólicos responsáveis por sustentar desigualdades históricas. A prostituição, enquanto construção social, tem operado como dispositivo de controle dos corpos e desejos femininos, sustentando estereótipos que favorecem sua naturalização e legitimam a exclusão e a violência dirigidas a essas mulheres. Tais estereótipos, amplamente difundidos, obscurecem as dimensões estruturais da prostituição e invisibilizam as múltiplas formas de vulnerabilidade e violência que atravessam suas experiências.

Expressões como “um mal necessário” ou “liberdade do próprio corpo” operam como mecanismos discursivos que legitimam sua existência e impedem um questionamento crítico mais profundo. A noção de escolha individual também é amplamente mobilizada, embora a realidade da maioria das mulheres em situação de prostituição revele trajetórias marcadas por ausência de alternativas, desigualdades socioeconômicas, violência e coação. A valorização de casos isolados de suposta autonomia esconde a condição de exploração vivenciada por muitas, sustentando a lógica da invisibilidade:

[...]. Eu acredito que tem várias histórias, mas a minha história foi um pouco diferente de muitas que eu escuto. Eu era uma menina e no fim, eu era uma menina, eu era casada, E não deu certo nessa relação, mas eu ficava iludida pelo pai do meu filho e eu acabei vindo para a prostituição, que eu achava que tendo as minhas coisas, eu ia obter meu marido de volta. (Entrevista concedida por Patricia<sup>9</sup>)

---

<sup>8</sup> Em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025.

<sup>9</sup> Nome fictício adotado pela entrevistada em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025.

Outros discursos hegemônicos, como o de que a prostituição seria uma válvula de escape para os desejos masculinos ou mesmo uma forma de prevenir o estupro, reforçam concepções arcaicas e desiguais sobre gênero e sexualidade. Tais argumentos não apenas mantêm a prostituição como um recurso funcional à manutenção da ordem social, como também reproduzem a ideia de que o corpo feminino está à disposição do desejo masculino, seja pela força, seja pelo dinheiro.

Esses estereótipos não apenas simplificam a complexidade do fenômeno, mas colaboram para a sua perpetuação, ao desresponsabilizar a sociedade de seus efeitos e ao normalizar práticas de objetificação, exploração e violência. Reforçam, assim, uma lógica que sacrifica corpos e subjetividades em nome da estabilidade social, sob o véu de uma pretensa escolha ou necessidade natural.

[...]. A mulher prostituta é dividida em duas partes. A parte inferior da cintura para baixo, o sexo, e a parte superior, que é o intelecto, o intelectual. [...] o primeiro programa que ela faz, é tão sofrido que divide a pessoa. A pessoa já não está mais inteira. A ponto do sexo não saber o que faz a cabeça. O que se passa na cabeça. E da cabeça saber, perceber o sexo. Então aí, a dignidade humana se vai, acaba. (Depoimento de Regina Célia<sup>10</sup>).

Conforme Walter Lippmann (2008, p. 30), os estereótipos funcionam como atalhos interpretativos, reforçando sistemas de crença e dificultando a aceitação de realidades contraditórias. Assim, mulheres em situação de prostituição são frequentemente representadas como preguiçosas, desviantes ou moralmente transgressoras, especialmente em contextos influenciados por dogmas religiosos. Lippman diz que “sob determinadas condições, as pessoas respondem tão fortemente a ficções quanto a realidades, e [...] em muitos casos elas ajudam a criar as próprias ficções às quais elas respondem”.

Com base nesse contexto, formula-se a pergunta de pesquisa central: como as narrativas digitais podem contribuir para a visibilidade das mulheres em situação de prostituição? A hipótese inicial sustenta que as narrativas digitais podem, ao mesmo tempo, reforçar estereótipos dominantes e proporcionar espaços de resistência, influenciando a construção de significados sobre as mulheres em situação de prostituição.

A partir dessa perspectiva, é proposta o desenvolvimento de uma websérie audiovisual documental com 10 episódios, produzidos com base nos relatos de quatro entrevistadas: Aila Maria e Patrícia (esta última com nome fictício), ambas em situação de prostituição desde os

---

<sup>10</sup> Uma das fundadoras do coletivo Mulheres da Luz em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025

17 ano e que integram o Coletivo Mulheres da Luz. A terceira entrevista foi com Iara Santos, educadora da Pinacoteca de São Paulo e responsável pelo trabalho com os grupos vinculados ao PISC e Regina Célia, missionária e uma das fundadoras do coletivo, ao lado de Cleone Santos, falecida em 2023.

Para este trabalho foi produzido um episódio piloto, intitulado *À Luz da Memória: Mulheres que Resistem*, que apresenta o Jardim da Luz como território de memória e disputa, articulando histórias de mulheres em situação de prostituição com a atuação do Coletivo Mulheres da Luz. A partir de relatos pessoais, o filme aborda migração, vulnerabilidade, estigmatização e as contradições entre sobrevivência, autonomia e exclusão. Em contraponto, destaca o coletivo como espaço de acolhimento, escuta e acesso a direitos, educação e cultura, evidenciando processos de reconstrução da dignidade e de ressignificação das trajetórias.

Inspirado na concepção de Marshall McLuhan (1964) de que “o meio é a mensagem”, entende-se que o digital não é apenas um suporte técnico, mas parte ativa na construção de sentidos. Como indicam Fu, Mahony e Liu (2023), iniciativas de memória digital contribuem para a reconstrução de identidades coletivas e vínculos de pertencimento. Para Polleta (2006), a narrativa, nesse contexto, é compreendida como estratégia política com potencial de promover emancipação social.

O objetivo central da pesquisa é investigar como as narrativas digitais podem contribuir para a visibilidade das mulheres em situação de prostituição, fortalecendo sua presença simbólica e política. Tal proposta se alinha à perspectiva de justiça social de Nancy Fraser (1995), que articula redistribuição econômica e reconhecimento cultural, e ao conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu (1998), segundo o qual representações dominantes impõem visões de mundo como universais. Ao disputar o campo simbólico por meio de suas próprias narrativas, essas mulheres desafiam representações estigmatizantes e reivindicam formas alternativas de reconhecimento.

É a partir desse horizonte analítico que se delineia a organização da pesquisa. No Capítulo 2, apresenta-se o referencial teórico e metodológico, articulando memória, narrativa e prostituição. A memória é abordada como fenômeno social e coletivo, a partir de Halbwachs e Pollak (1950 e 1989), destacando seu papel na disputa entre narrativas oficiais e memórias silenciadas de grupos marginalizados. Em seguida, o texto analisa a prostituição como prática historicamente atravessada por estruturas patriarcais, estigmas e violências simbólicas, situando o Coletivo Mulheres da Luz como espaço de resistência, visibilidade e reconstrução da dignidade.

Na segunda parte do capítulo são examinadas as representações midiáticas da prostituição e sua reconfiguração nas plataformas digitais, compreendidas como campos de coerção simbólica e algorítmica que convertem o corpo feminino em capital. Sustentando que o registro das memórias dessas mulheres possui dimensão política e metodológica, fundamentando a proposta da websérie documental como estratégia de visibilidade, humanização e transformação social.

No Capítulo 3 é discutida a escolha do audiovisual como decisão metodológica que articula dimensões narrativas, éticas e comunicacionais. O vídeo é apresentado como formato capaz de registrar experiências humanas complexas ao integrar imagem, som, temporalidade e voz, favorecendo processos de humanização, empatia e sensibilização. Ao mesmo tempo, o Capítulo 3 reconhece os limites e as responsabilidades implicados nas escolhas narrativas, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, nos quais a representação exige reflexão crítica constante.

O Capítulo 4 apresenta detalhes da websérie documental *À Luz da Memória: Mulheres que Resistem* como produto final da pesquisa, concebida como ação de memória digital no território do Parque da Luz e do Bom Retiro. A série articula narrativa, imagem e escuta sensível das trajetórias de mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz, valorizando a autonomia das participantes e recusando a lógica da vitimização. O capítulo aborda de forma integrada os fundamentos estéticos, políticos e sociais do projeto, bem como suas estratégias de circulação e possibilidades de aplicação. São discutidos os públicos potenciais, os modos de difusão baseados em redes digitais, parcerias institucionais, ações territoriais e mobilização da imprensa, além das aplicações nos campos do ativismo, da educação e da produção de conhecimento. Para fins desta pesquisa, o Capítulo 4 esclarece, também, que será produzido apenas o episódio piloto, situado como parte de uma concepção mais ampla de dez episódios, entendendo a websérie como arquivo audiovisual, gesto político e intervenção comunicacional.

Por fim, o Capítulo 5 retoma os principais achados da pesquisa, reafirmando o vídeo e a memória digital como estratégias de escuta, visibilidade e disputa de representações. O capítulo compreende o projeto como intervenção estética, política e comunicacional orientada à valorização das trajetórias das mulheres em situação de prostituição e à ampliação de repertórios simbólicos mais diversos e inclusivos.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Mulheres em situação de prostituição continuam sendo alvo de preconceitos e estigmas sociais que as relegam à invisibilidade, à exclusão e à desumanização. Nesse contexto, o Coletivo Mulheres da Luz desenvolve um trabalho contínuo de acolhimento, cuidado e articulação comunitária junto às mulheres que vivem nesta condição. Apesar disso, as histórias de vida dessas mulheres permanecem carentes de registros sistematizados e de reconhecimento público capazes de conferir visibilidade, assegurar existência social e promover processos de pertencimento no âmbito político e cultural da cidade.

A construção dessa visibilidade ganha força na parceria com a Pinacoteca de São Paulo, por meio do Programa de Inclusão Sociocultural (PISC), que amplia o acesso a bens culturais para grupos em situação de vulnerabilidade na região central. Desde 2002, as integrantes do coletivo participam de ações socioeducativas no museu, concebidas para aproximar populações historicamente afastadas do universo museal.

[...] A gente está com em torno de 60 parcerias, que são grupos atendidos a partir da parceria com os serviços da assistência social, saúde, justiça e Secretaria de Administração Penitenciária. A gente tem parceria também com coletivos e movimentos sociais. Então, grande parte das pessoas que atendemos vem por meio dessas parcerias com serviços vinculados ou acompanhados por alguma secretaria, ONG ou coletivo. (Depoimento de Iara<sup>11</sup>)

Essas iniciativas reforçam o papel social da Pinacoteca ao articular arte, território e cidadania e fortalecem práticas de acolhimento e promoção de direitos por meio da mediação cultural. Como resultado, as participantes ampliam o acesso à cultura e ao conhecimento artístico, fortalecem vínculos sociais, obtêm reconhecimento de suas trajetórias, ampliam sua cidadania e iniciam processos de inclusão em espaços socialmente valorizados.

(...) A gente percebe mudanças. Na avaliação final da parceria, é muito comum ouvirmos, por exemplo: “agora as pessoas não precisam me ver só como um nóia, porque eu sei falar sobre arte”. Isso é estimulado durante as visitas, quando convidamos as pessoas a falar sobre o que veem, a descrever uma imagem. A gente estimula esse olhar para a obra e a capacidade de conversar sobre ela. Quando elas têm esse espaço de fala garantido, dizem: “eu não sou apenas o estereótipo de como me veem na rua, eu também posso falar sobre arte”. É muito bacana e importante ouvir isso. (Depoimento de Iara<sup>12</sup>).

Assim, torna-se evidente que a articulação entre práticas de acolhimento comunitário e iniciativas culturais institucionais abrem caminhos para a construção de novas formas de

---

<sup>11</sup> Educadora da Pinacoteca em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025

<sup>12</sup> Em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025

visibilidade e reconhecimento social e político. No entanto, para que tais experiências não permaneçam restritas a registros pontuais ou dispersos, é necessário investir em processos de documentação e circulação capazes de consolidar uma memória coletiva e digital dessas trajetórias. É nesta perspectiva que se insere esta pesquisa, ancorada na premissa de que a memória digital e a narrativa audiovisual podem ser ferramentas cruciais para o fortalecimento de vozes historicamente silenciadas. A criação de uma websérie documental busca construir um espaço de escuta, visibilidade e valorização dessas vivências.

[...] Quando a gente vai valorizar o espaço de fala de cada pessoa, a gente está valorizando o fala, escuta e a capacidade de se reelaborar, de elaborar as suas próprias histórias. Então isso é muito forte, porque você se coloca novamente no mundo de um outro jeito. Você está se reelaborando, obtendo esse espaço de elaboração constante. (Depoimento de Iara<sup>13</sup>).

Essa iniciativa articula relevância social com aplicabilidade prática. O formato da websérie, que será detalhado adiante, amplia o alcance dos conteúdos, favorece o diálogo com diferentes públicos e se alinha às dinâmicas contemporâneas de circulação digital. Trata-se, portanto, de uma resposta comunicacional ao desafio de registrar e transmitir saberes que emergem da resistência cotidiana e da construção de redes de cuidado no território urbano.

Além de sua relevância social, a iniciativa insere-se no campo da Comunicação ao investigar como as práticas de memória digital e de narrativa audiovisual configuram novas formas de mediação simbólica e de representação social. Tal abordagem contribui para compreender de que modo processos comunicacionais podem não apenas difundir informações, mas também atuar na constituição de identidades coletivas e na disputa de sentidos no espaço público. O projeto amplia o debate acadêmico sobre o papel das mídias digitais na visibilização de grupos marginalizados, articulando teoria e prática em um exercício de comunicação comprometido com a transformação social.

Portanto, a proposta visa aprofundar a compreensão sobre como as narrativas digitais podem funcionar como instrumentos de visibilidade e resistência para mulheres em situação de prostituição, explorando a capacidade da memória digital de desafiar narrativas dominantes, promover a inclusão de grupos marginalizados e fortalecer a luta dessas mulheres por reconhecimento e justiça social. Ao construir uma memória coletiva e digital dessas trajetórias, o projeto contribui para debater sobre espaços mais inclusivos e representativos, afirmando suas presenças e reivindicando direitos no tecido social.

---

<sup>13</sup> Em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025.

## 2. Discussão teórico-metodológica

A origem do termo *memória* remete à figura mitológica da deusa *Mnemosyne*, sendo o radical grego *mnemis* identificado como base da palavra, sem desconsiderar sua base latina *memoriae* (Carneiro, 2009). Segundo a lenda, Mnemosyne deitou-se com Zeus por nove noites, e dessa união nasceram as nove musas, entidades inspiradoras das artes e das ciências, como música, poesia, tragédia e astronomia. Entre elas, Clio, a proclamadora é reconhecida como a divindade da História (Lonardelli, 2008, p. 15).

Do mito nasce a mensagem central: a história é filha da memória, assim como as artes e as ciências. A personificação da memória na deusa evidencia seu papel de destaque como fonte de conhecimento. Na origem da palavra *memória*, encontra-se, portanto, o sentido de lembrança e de retorno ao passado. Marilena Chauí (2000, p. 159) observa que “a deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade”, reforçando a memória como instrumento de transmissão e preservação do saber coletivo.

Inseparável da noção de tempo, a memória representa também a “esperança de imortalidade” (Chauí, 2000, p. 159). A lembrança atua em reação ao tempo, que impõe o esquecimento como característica da morte, do tempo que se foi e não retorna. Por essa razão, assume um lugar de imortalidade (Rosário, 2002). Ainda para Chauí (2000), a magia da memória não se limita ao dom de revisitar o passado; o poder conferido por *Mnemosyne* garantia a perpetuidade aos mortais.

As origens da palavra *memória* indicam não apenas sua importância para a produção das ciências e das artes, mas também sugerem que todo discurso ou ação, mesmo criativa, se apoia em algum resgate do que foi lembrado. Na mitologia, a memória supera a morte: recupera saberes antigos para o presente e registra o que ocorre no agora, projetando-o para as gerações futuras.

[...] Tinha poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais. Os historiadores antigos colocavam suas obras sob a proteção das Musas, escreviam para que não fossem perdidos os feitos memoráveis dos humanos e para que servissem de exemplo às gerações futuras. Dizia Cícero: “A História é mestra da vida”. (Chauí, 2000, p.159)

No século XIX, a memória é entendida como a faculdade de recordar coisas e lugares, sendo por vezes equiparada à História, sobretudo quando se referia a fatos literários ou científicos. No dicionário Michaelis (2008), a palavra memória apresenta diversas entradas,

entre as quais se destacam: a faculdade de conservar e recordar estados de consciência passados e tudo o que lhes esteja associado; o conceito de nome ou reputação; aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências vividas, ou seja, lembrança e reminiscência; monumentos erigidos para celebrar feitos ou pessoas memoráveis; exposições escritas ou orais de acontecimentos ou séries de acontecimentos, isto é, relatos e narrações; dissertações sobre temas de ciência, arte ou cultura, destinadas à publicação ou apresentação em sociedades científicas ou associações; e relatos, frequentemente literários, baseados em experiências históricas ou na vida particular do autor, conhecidos como memoriais.

Essas definições revelam que a memória, historicamente, não se restringe à recordação individual, mas abrange dimensões simbólicas, sociais e culturais, funcionando tanto como instrumento cognitivo quanto como mecanismo de preservação e transmissão de experiências coletivas. Essa compreensão dialoga com o debate historiográfico contemporâneo que questiona a ideia de um passado fixo, estável e plenamente determinável, reconhecendo que a memória é sempre uma reconstrução situada, atravessada pelas necessidades, disputas e forças sociais do presente (Ferreira, 2002). A memória relaciona o nosso presente ao nosso passado, individual e coletivo, e por isso, tem uma relação muito próxima com as narrativas.

Foi a partir do início do século XX, sobretudo nas Ciências Humanas, que a memória passou a ser definida como um fenômeno social. Essa inflexão teórica reconhece que as lembranças são constituídas nas relações entre os indivíduos e mediadas por contextos socioculturais diversos, como os ambientes familiar, profissional, político e religioso. Nesse deslocamento, a memória deixa de ser concebida como um simples repositório de lembranças e passa a ser entendida como prática social, dependente das estruturas, instituições e do poder simbólico dos grupos que a produzem e a sustentam (Ferreira, 2002).

Na contemporaneidade, o estudo da memória é frequentemente associado a Maurice Halbwachs e sua obra póstuma *Memória Coletiva*, publicada em 1950, na qual defende que a memória é um fato puramente social. Halbwachs é reconhecido por inaugurar o campo de estudos sobre memória no âmbito das ciências sociais, uma área que, até então, era predominantemente explorada pela Filosofia e pela Psicologia. De acordo com a pesquisadora Selma Lima da Silva,

Halbwachs criou a categoria de *memória coletiva*, por intermédio da qual postula que o fenômeno de recordação das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. É, portanto, mediante a categoria de memória coletiva de Halbwachs que a memória deixa de ser apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. (Silva, 2019, p.247)

Os estudos de Halbwachs contribuem de forma decisiva para a compreensão dos contextos sociais que estruturam a memória. Para o autor, aquilo que parece ser uma lembrança puramente individual está, na verdade, sempre relacionado ao coletivo. O indivíduo carrega consigo recordações, mas encontra-se em constante interação com a sociedade, seus grupos e instituições; é nesse contexto que se constroem as lembranças.

A rememoração individual manifesta-se a partir da composição das memórias dos diversos grupos com os quais nos vinculamos ao longo do tempo. A subjetividade presente na memória não deve ser compreendida como fragilidade metodológica, mas como elemento analítico revelador das representações sociais, das posições ocupadas pelos sujeitos e das disputas simbólicas que atravessam os processos de rememoração, como destaca Ferreira (2002) ao discutir a revalorização dos testemunhos e das fontes orais na história do tempo presente. O ato de lembrar e as formas como percebemos o mundo se constituem a partir desse entrelaçamento de experiências compartilhadas. “[...] É necessário que as reconstruções se operem a partir de dados ou de noções comuns, que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros porque elas passam desses para aqueles” (Halbwachs, 1990, p. 34).

A memória coletiva desempenha papel central no reforço do sentimento de pertencimento a um grupo que compartilha experiências e referências comuns. Ela sustenta a construção da identidade individual, situada em uma memória compartilhada que não se limita ao registro factual dos acontecimentos, mas opera no plano simbólico, orientando percepções, valores e significados. Nessa perspectiva, a memória assume também uma dimensão política, pois participa diretamente das disputas por reconhecimento, visibilidade e legitimidade no espaço social, articulando passado e presente de maneira dinâmica (Ferreira, 2002).

Para Michael Pollak (1989), em diálogo crítico com Halbwachs, a memória constitui um campo de tensão permanente entre a memória oficial, frequentemente associada à narrativa nacional, e as chamadas memórias subterrâneas, que persistem entre grupos marginalizados e minoritários. Ao evidenciar o conflito entre diferentes formas de lembrar, Pollak reforça a compreensão da memória como espaço de disputa simbólica, rompendo com a ideia de uma história única, homogênea e consensual, perspectiva convergente com a análise de Ferreira (2002) sobre o papel do poder social na legitimação das narrativas.

A memória então assume a dimensão de um campo de afirmação de identidades, no qual as memórias subterrâneas expressam as experiências de grupos marginalizados que buscam o reconhecimento de sua existência, a afirmação de direitos e a apropriação de sua historicidade. Refletir sobre o registro das memórias das Mulheres da Luz parte do reconhecimento de que suas trajetórias, marcadas pela exclusão e pela resistência cotidiana, integram camadas de

memória social frequentemente ausentes das narrativas hegemônicas. Ao incorporar essas narrativas, este trabalho se insere no campo da história do tempo presente, valorizando os testemunhos diretos como fontes legítimas de conhecimento, capazes de revelar experiências estruturais de exclusão, violência e resistência que permanecem ausentes dos registros oficiais, conforme defendido por Ferreira (2002).

Dar visibilidade a essas vozes significa disputar os sentidos socialmente atribuídos à prostituição e às experiências femininas, reconhecendo que suas histórias compõem a história coletiva e que esta é permanentemente reconfigurada de acordo com as dinâmicas históricas, sociais e políticas. Nesse processo, a memória deixa de ser apenas um exercício de rememoração e passa a operar como instrumento de intervenção simbólica, capaz de tensionar estigmas, ampliar a empatia social e afirmar a dignidade e a humanidade de sujeitos historicamente marginalizados.

Compreender a prostituição requer revisitar as estruturas fundantes do patriarcado. Como demonstra Lerner em *A Criação do Patriarcado* (2019), a subordinação das mulheres não é um dado natural, mas uma construção histórica consolidada pelo controle masculino sobre a sexualidade e a reprodução. A institucionalização e a naturalização da prostituição, consolidada por discursos religiosos, jurídicos e midiáticos, representam algumas das formas de objetificação e apropriação do corpo feminino, estabelecendo uma divisão simbólica entre mulheres destinadas à reprodução legítima e aquelas relegadas à função sexual fora dos vínculos matrimoniais.

Essa cisão produziu hierarquias sociais e representações estigmatizadas que atravessam os séculos e permanecem até hoje. A prostituição passou a funcionar não apenas como prática social, mas também como marcador moral e político da posição da mulher na sociedade, comprometendo o seu reconhecimento social e cidadania e ao mesmo tempo ocultando a exploração, a violência e a coerção a que essas mulheres estão submetidas.

[...] Eu acho que o pior é a humilhação e a pessoa não vê a pessoa do jeito... Olha pra pessoa, mas não olha pra pessoa vendo uma coisa boa, só vê as coisas ruins da pessoa. A pessoa tem muitas qualidades, mas ele só vê os defeitos, entendeu? As boas qualidades nunca que eles veem nem olham. (Depoimento de Aila Maria<sup>14</sup>).

O Coletivo Mulheres da Luz exemplifica, em sua prática, a articulação entre resistência e visibilidade social diante dessas estruturas de opressão, atuando na promoção da cidadania e

---

<sup>14</sup> Pessoa em situação de prostituição, 2025, em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025.

no fortalecimento dos direitos de mulheres em situação de prostituição e desenvolvendo ações intersetoriais nas áreas de saúde, educação, cultura, assistência social e geração de renda. “[...] Eles proporcionam [...] cursos remunerados. Esses últimos meses eu fiz uns cursos de encadernação e estamperia. Também tinha de boneca, fizemos marketing digital”, afirma Aila Maria<sup>15</sup>. O trabalho do coletivo visa ampliar o acesso dessas mulheres às políticas públicas e construir estratégias coletivas para enfrentar as múltiplas vulnerabilidades que atravessam suas trajetórias.

Tudo que você precisa, todo tipo de perguntas, eles te respondem lá. Se um não sabe, o outro procura, entendeu? Tudo que você precisa, todo tipo de perguntas, você pode fazer lá que eles te respondem. Você consegue se encontrar e se colocar no seu devido lugar, daquilo que você está procurando. (Depoimento de Patricia<sup>16</sup>).

## 2.1 Prostituição 2.0: o corpo como capital<sup>17</sup>

Na modernidade, os meios de comunicação de massa atuam como agentes centrais na produção de sentidos sobre o mundo, as relações sociais e os sujeitos. A partir das contribuições de Stuart Hall (1997) é possível compreender que essa influência opera por meio de códigos que ganham aparência de naturalidade, pois circulam de forma repetida em uma mesma cultura. Essa sensação de familiaridade encobre o caráter construído desses códigos, sustentados em grande medida pelos produtos midiáticos.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (Hall, 1997, p. 16)

Um exemplo de produto midiático são as telenovelas. Criadas nos anos 1950, elas dominam o horário nobre da TV e são responsáveis pela propagação de ideias, padrões e estereótipos na sociedade, incluindo a ideia da própria prostituição. De acordo com Esther Hamburger (1998, p. 443), “os modelos de homem e mulher, de namoro e casamento, de

---

<sup>15</sup> Em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025.

<sup>16</sup> Em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025.

<sup>17</sup> A noção do corpo como capital também aparece nos trabalhos da antropóloga Mirian Goldenberg (2015) que discute como esse capital estético demanda cuidado, preservação e constante mobilização para gerar valor. A autora observa que essa lógica se articula de modo particular no contexto brasileiro, em que o corpo ocupa posição central na vida social.

organização familiar, divulgados pela novela e sucessivamente atualizados, amplificam para todo o território nacional as angústias privadas das famílias de classe média urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo” .

Novelas e séries como “Gabriela” (1975) “Roque Santeiro” (1985-1986), “Meu Bem Meu Mal” (1990-1991), “Labirinto” (1998), “Pedra Sobre Pedra” (1992), “A Indomada” (1997), “Hilda Furacão” (1998), “Senhora do Destino” (2004-2005), “Paríso Tropical” (2007), “Verdades Secretas” (2015) e “O Negócio”, série da HBO trazem, em diferentes períodos, enredos que incorporam a prostituição e delineiam modos recorrentes de representação dessas mulheres.

Numa análise geral, é possível observar que a representação da mulher em situação de prostituição na televisão brasileira oscila entre a reforço e a atenuação de estereótipos. As personagens são frequentemente construídas como mulheres desejáveis, desviantes ou moralmente ambíguas, atravessadas por um olhar que sexualiza e produz sentidos sobre seus corpos. A ficção associa essas mulheres ao risco, à fantasia e à ideia de superação individual, mantendo a lógica que individualiza suas trajetórias e desloca os determinantes estruturais que marcam a experiência da prostituição. Mesmo em narrativas que buscam humanizá-las, os roteiros geralmente as posicionam em situações de vulnerabilidade intensificada, com pouca ação efetiva sobre os rumos que suas histórias tomam. Essas representações, ao reiterarem códigos culturais amplamente naturalizados, contribuem para sedimentar percepções sociais e violências que afetam a forma como essas mulheres são compreendidas e julgadas no cotidiano.

Esse processo de construção simbólica reverbera na percepção social dessas mulheres, como indica o relato de uma das entrevistadas desta pesquisa, ao comentar o impacto da ficção em sua própria trajetória:

[...] Então a televisão, querendo ou não, acaba iludindo. Assim, ela acaba iludindo algumas meninas, entendeu? E eu vi aquelas mulheres bonitas, formosas, eu queria ser igual pra poder conquistar o pai do meu filho. (...) Ah, porque tá todo mundo se prostituindo. Pelas novelas, gente! (Depoimento de Patricia<sup>18</sup>).

Já na contemporaneidade, as práticas de exploração do corpo feminino alcançaram um novo patamar com o surgimento de plataformas digitais, como *Only Fans* e similares, que comercializam imagens de mulheres sob o argumento de empoderamento, liberdade e ganhos financeiros elevados. No entanto, por trás dessas promessas opera-se um sistema em que o sofrimento é industrializado e convertido em lucro.

---

<sup>18</sup> Em entrevista concedida para esta pesquisa em dezembro de 2025

O discurso a favor da prostituição invadiu os meios de todo o mundo. O objetivo é mascarar a realidade da exploração sexual sob uma ilusão de normalidade, até mesmo de modernidade: as pessoas exploradas tornam-se "trabalhadoras do sexo", a prostituição torna-se um "emprego" emancipador para as mulheres e uma forma de sexualidade consensual alternativa na vanguarda do século XXI! Assim, ao surfar no pensamento liberal e na retórica populista, este movimento consegue difundir mentiras como factos inatacáveis e travar o debate. É uma propaganda bem ensaiada que deve ser combatida. (Charpenel, 2019, p. 01)

Segundo reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 2024 o Only Fans declarou faturamento de US\$1,4 bilhão (aproximadamente R\$7,6 bilhões), com lucro líquido de US\$683,6 milhões (aproximadamente R\$3,7 bilhões). Em relação aos ganhos individuais das mulheres, não há dados oficiais disponíveis; matérias publicadas na internet evidenciam apenas os valores dos perfis mais rentáveis<sup>19</sup>, que atingiram rendimentos mensais de até US\$9 milhões. No Brasil, a criadora de conteúdo adulto Vanessa Lopes exemplifica essa lógica: ela estima faturar mais de R\$500 mil por ano com seu trabalho em diferentes plataformas. Em reportagem para o mesmo jornal, Vanessa declara: “Quem acha que vai entrar para ganhar dinheiro fácil, quebrar a cara”. É preciso se reinventar o tempo inteiro, investir no corpo, no rosto, no cabelo, na depilação, ter uma certa ousadia, criatividade e carisma”.

A atenção midiática concentrada em trajetórias excepcionais, como a de Vanessa, contribui para invisibilizar a maioria das mulheres que atuam nesse campo, reforçando a necessidade de uma análise crítica das plataformas digitais enquanto instâncias de mediação e controle. Essas plataformas não apenas estruturam uma visibilidade seletiva, mas também moldam e reproduzem padrões históricos de exploração do corpo feminino, evidenciando que a lógica da mercantilização e da coerção simbólica permanece ativa mesmo em espaços mediados pela tecnologia.

Ao enfrentarem realidades marcadas por violência e vulnerabilidade, muitas dessas mulheres desenvolvem estratégias de sobrevivência, incluindo a criação de personagens<sup>20</sup> nas plataformas digitais. Nicolli Zurkin, que se apresenta nas redes como Lady Loira, exemplifica essa dinâmica: ela afirma que “a Nicolli só existe dentro do Only Fans. Ninguém vê essa pessoa na rua, ela não existe”. Sempre que produz conteúdo ou interage por vídeo com seguidores,

---

<sup>19</sup> CLAUDIA. *As 5 mulheres que mais faturam no OnlyFans*. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/amor-e-sexo/as-5-mulheres-que-mais-faturam-no-onlyfans/>. Acesso em: 10 set. 2025.

<sup>20</sup> G1. *Quanto rende o OnlyFans: os lucros e perrengues de brasileiras que vendem nudes no site*. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/12/quanto-rende-o-onlyfans-os-lucros-e-perrengues-de-brasileiras-que-vendem-nudes-no-site.ghml>. Acesso em: 01 dez. 2025.

Nicolli adota cabelos longos e loiros e maquiagem carregada, construindo um personagem quase irreconhecível. Na vida cotidiana, por sua vez, ela é morena, com cabelo curto, e afirma que nem seus amigos sabem quem ela realmente é. Essa cisão identitária remete à observação de Regina Célia, fundadora do coletivo Mulheres da Luz, na introdução deste trabalho, quando afirma que “a mulher prostituta é dividida em duas partes. (...) É tão sofrido que divide a pessoa. A pessoa já não está mais inteira. Então aí, a dignidade humana se vai”.

Essa dissociação entre o “eu real” e o personagem projetado pode ser compreendida à luz das reflexões de Pierre Bourdieu em *A Ilusão Biográfica* (1986), em que o autor discute como as biografias e identidades individuais são construídas socialmente e frequentemente manipuladas para atender às expectativas externas. No contexto das plataformas digitais, essa coerência é fabricada não apenas pela narrativa de sucesso, mas também pela própria performance visual e afetiva exigida pelo mercado. O corpo e a aparência tornam-se, assim, instrumentos de adaptação e sobrevivência moldados pelas exigências do público e pelos algoritmos que regulam a visibilidade, revelando como a identidade se constitui simultaneamente como estratégia pessoal e como efeito das estruturas de poder.

A lógica do mercado digital não é neutra; ela se materializa na estrutura do campo. As plataformas digitais configuram um campo específico, em que o capital erótico e o capital de visibilidade se tornam as moedas mais valiosas, determinando o valor do “personagem” pela capacidade de converter essas formas de capital em capital financeiro, sob as regras do jogo do campo digital. A partir do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1972), a cultura pode ser compreendida não como um código homogêneo ou um repertório fixo de respostas, mas como um conjunto de esquemas fundamentais incorporados, que estruturam modos de perceber, interpretar e agir em diferentes contextos. Esses esquemas, socialmente produzidos e assimilados ao longo das trajetórias, delimitam possibilidades de ação nos diversos campos sociais.

Nesse sentido, o trabalho das produtoras de conteúdo, frequentemente marcado por trajetórias de vulnerabilidade, encontra no ambiente digital um espaço de conversão do capital corporal em lucro. Tal conversão, contudo, está condicionada à adesão integral à performance da persona, sob pena de invisibilidade e exclusão, evidenciando a atuação de mecanismos de coerção social e econômica que operam por meio de violências simbólica e algorítmica.

Esse enquadramento contemporâneo produz um ambiente em que a exposição constante e a performance pública se tornam dimensões estruturantes da vida social. Paula Sibilia (2016) discute esse fenômeno ao analisar a conversão da intimidade em espetáculo e a emergência de

subjetividades que se constituem prioritariamente pela visibilidade e pela aprovação do outro. A autora argumenta que, nesse cenário, o eu passa a ser modelado pela lógica do entretenimento e pelos imperativos de autopromoção que atravessam as plataformas digitais, nas quais a presença depende de métricas, interação e continuidade performática. Essa chave interpretativa permite compreender como processos de objetificação, vigilância e coerção simbólica se articulam na constituição das identidades femininas mediadas pelo ambiente digital.

Nesse processo, a identidade feminina é submetida a uma dupla reificação: primeiro, pela objetificação sexual que reduz o corpo a objeto de consumo, perpetuando a divisão simbólica entre a mulher “legítima” e a “sexual”; depois, pela objetificação algorítmica na qual o desempenho do corpo e da personagem é regulado por métricas e pela lógica do engajamento. O algoritmo atua como um vigilante invisível, recompensando a coerência da performance e a produção contínua. Essa necessidade permanente de exposição forja uma identidade-espetáculo que, ao mesmo tempo em que manipula a realidade, é também manipulada pela máquina da visibilidade.

O sucesso midiático do “personagem”, materializado nos ganhos excepcionais é apresentado como resultado lógico de uma escolha individual, livre e empreendedora, reforçando o que Bourdieu (1986) denomina *ilusão retrospectiva finalista*: a crença de que o percurso pessoal conduz inevitavelmente ao sucesso, quando na verdade se trata de um efeito de estrutura. A narrativa linear do *self* performático apaga a trajetória real da mulher, marcada por precariedade, necessidade e sofrimento. O personagem digital torna-se, assim, a máscara de coerência exigida por um sistema que converte o sofrimento em espetáculo e o corpo em ativo financeiro.

A reflexão metodológica de Bourdieu (1986) é, portanto, essencial para analisarmos as narrativas de “empoderamento” nas plataformas. É preciso exercer vigilância epistemológica para desvendar as condições objetivas de produção dessas narrativas. A trajetória da produtora de conteúdo - assim como a de outras mulheres em situação de prostituição - expõe a persistência da exploração histórica do corpo feminino sob o véu da inovação tecnológica e da ilusão de autonomia na era da mercantilização da vida privada. O corpo, transformado em capital e instrumento, permanece um artefato social e um território de disputa entre resistência e fragilidade.

Essa noção de que o corpo se converte em capital simbólico e econômico extrapola o universo das plataformas digitais e conecta-se a outros contextos de mediação identitária. A vigilância epistemológica sobre a ilusão biográfica torna-se, assim, um instrumento para

desnaturalizar toda e qualquer narrativa de vida apresentada como coesa. Esse mesmo exercício crítico pode ser observado em outros campos, como demonstra o estudo de Maria Carolina Medeiros e Tatiana Siciliano (2022) sobre Maria Augusta Nielsen, fundadora da *Socila*, escola de etiqueta famosa nos anos 1960. As autoras analisam como a imprensa construiu sua imagem pública como “sinônimo de elegância”, mostrando que sua identidade foi moldada por uma fachada social (Goffman [1959] 2014), conceito que designa o aparato expressivo utilizado para obter reconhecimento.

A produtora de conteúdo digital, ao criar uma persona loira e hipersexualizada, e a fundadora da *Socila*, ao construir sua imagem de refinamento e referência de "boas maneiras" e "etiqueta", revelam estratégias distintas de gestão da identidade em campos regidos por capitais simbólicos diferentes. A diferença reside, sobretudo, na natureza da coerção: se no campo digital a coerção é exercida pelo algoritmo e pela lógica da conversão sexual em capital, no campo da etiqueta e da elite social, a coerção se manifesta pela exigência de uma performance de distinção e conformidade com os códigos de classe. Em ambos os casos, contudo, a trajetória complexa é submersa pela máscara social que o campo exige para permitir a ascensão ou a sobrevivência, confirmando que a construção da identidade é um fenômeno socialmente coercitivo.

Essa dinâmica de coerção e de elaboração de máscaras sociais não se limita aos campos digitais ou às normas de distinção social. Na prostituição presencial, as mulheres também precisam gerir suas identidades de forma estratégica, enfrentando coerções diretas, sociais, econômicas e físicas que moldam a forma como se apresentam e são percebidas. A dissociação entre o “eu real” e o “personagem” permanece evidente, mediada pela necessidade de sobrevivência diante de clientes, intermediários e instituições estigmatizantes. Nesse contexto, o corpo continua sendo transformado em capital, exigindo estratégias de autoproteção e performances cuidadosamente geridas, como observado nos relatos de Regina Célia e das mulheres acompanhadas pelo Coletivo Mulheres da Luz.

Diante desse cenário, o registro das memórias das mulheres em situação de prostituição assume um caráter social e político. Diferentemente das narrativas midiáticas que frequentemente privilegiam trajetórias excepcionais, performances de sucesso ou visões estigmatizadas, o relato direto das mulheres permite revelar experiências cotidianas e estruturalmente marcadas pela violência, pela vulnerabilidade social e pela marginalização. Essas memórias não apenas documentam práticas de exploração, mas também cumprem uma função humanizadora, contrariando estereótipos historicamente associados às prostitutas e

evidenciando a complexidade de suas vidas, estratégias de resistência e articulações comunitárias.

A relevância desse registro se articula com a reflexão teórica de Bourdieu (1986) sobre a ilusão biográfica. Enquanto o self performático nas plataformas ou na mídia constrói uma narrativa linear de coerência e sucesso, a trajetória real das mulheres evidencia rupturas, contingências e imposições estruturais que não são captadas pelas aparências externas. Registrar essas experiências permite desvelar a relação entre trajetórias individuais e condições sociais que moldam o corpo e a subjetividade, promovendo uma compreensão mais ampla e crítica da persistência histórica da exploração feminina.

A documentação dessas memórias transforma experiências marginalizadas em conhecimento compartilhado, criando um espaço de reconhecimento que amplia a compreensão pública sobre a prostituição e fortalece práticas de resistência e emancipação. Nesse sentido, a memória atua como instrumento de intervenção social, capaz de questionar e transformar estruturas que perpetuam a exploração do corpo feminino, tornando visíveis trajetórias silenciadas e oferecendo subsídios para a construção de políticas, narrativas e práticas que considerem suas condições estruturais profundas.

Ao registrar essas experiências, também se contribui para desmistificar estereótipos e ampliar a empatia. O Museu da Pessoa<sup>21</sup>, museu virtual e colaborativo de histórias de vida, em avaliação de impacto realizada em 2021, mostrou que o contato com histórias de vida contribui significativamente para o combate à intolerância. Desenvolvida ao longo de quase dois anos, a metodologia da pesquisa teve como foco o efeito transformador dessas histórias, envolvendo 87 participantes que responderam a um questionário online sobre suas experiências. A pergunta central da avaliação foi: “o contato com histórias de vida contribui para o combate à intolerância?”

A metodologia foi criada para evidenciar como as histórias de vida geram conhecimento e conexão entre as pessoas. Uma pesquisa inicial com 15 estagiários permitiu levantar mudanças percebidas em atitudes e comportamentos, servindo de base para o desenvolvimento da teoria de mudança alinhada ao propósito do museu de combater a intolerância, conforme a definição da UNESCO. Para mensurar os resultados, foram estabelecidos indicadores quantitativos e qualitativos que pudessem refletir as transformações observadas nos participantes.

---

<sup>21</sup> Museu da Pessoa. *Impacto do Museu*. Disponível em: <https://museumoftheperson.us/sobre/impacto-do-museu/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

Foram definidos cinco indicadores principais para avaliar as mudanças nas atitudes: a intensidade e frequência do exercício de empatia em relação à diversidade; o grau de agência como ator social no combate à intolerância; a qualidade de escuta, incluindo atenção e generosidade; a capacidade de compreensão de questões sociais vinculadas à intolerância; e a intensidade dos vínculos comunitários, com foco nos relacionamentos pessoais.

A coleta de dados, realizada por meio de questionário online, trouxe evidências de impacto positivo. Entre os 87 participantes, 100% relataram aumento na compreensão sobre questões sociais, 98% se sentiram motivados a intervir socialmente contra a intolerância e 90,8% intensificaram seus vínculos com familiares e amigos. Mudanças significativas foram observadas em temas sociais específicos: 67% dos participantes modificaram sua visão sobre os povos indígenas, 75% passaram a perceber como raça, religião e etnia afetam oportunidades de vida, e 77% se sentiram inspirados a seguir seus sonhos. Um dos depoimentos relata que “a partir do contato com histórias de vida diversas, eu pude desenvolver um olhar e uma escuta mais atenta aos relatos das pessoas do meu meio e cotidiano. Além de também ter um sentimento de valorização e apropriação da minha própria história de vida.”

Os relatos dos participantes também indicam mudanças concretas em seu cotidiano. Houve aumento da empatia, resultando em melhor compreensão das experiências alheias, aprimoramento da qualidade de escuta com maior atenção e respeito, e aprofundamento da compreensão de questões sociais, estimulando curiosidade e aprendizado contínuo. A avaliação evidenciou ainda que o impacto das histórias é tanto imediato quanto duradouro, com mudanças significativas observadas em mais de um terço dos participantes, mantendo-se ativas mesmo após mais de um ano. Por fim, a avaliação reforça a importância das histórias de vida como ferramenta de transformação social.

Nesse sentido, a proposta de uma websérie documental espera, como já dito, proporcionar visibilidade às histórias de mulheres em situação de prostituição, contribuindo para desmistificar estereótipos e (re) humanizar essas mulheres.

## **2.2 Percurso metodológico**

A metodologia desta pesquisa foi orientada por uma abordagem qualitativa, a partir das premissas do pesquisador Luis Martino (2018) com o objetivo de investigar como as narrativas digitais podem contribuir para a visibilidade social e simbólica de mulheres em situação de prostituição, com foco na produção e circulação de suas histórias. A partir da pergunta central: como as narrativas digitais podem contribuir para visibilidade das mulheres em situação de

prostituição?, a pesquisa busca explorar as complexas relações entre memória coletiva, identidade e processos de reconhecimento social.

A hipótese inicial sustenta que as narrativas digitais podem, ao mesmo tempo, reforçar estereótipos dominantes e proporcionar espaços de resistência, influenciando a construção de significados sobre as mulheres em situação de prostituição. Esse processo será analisado tanto em termos da perpetuação de estigmas quanto das potencialidades dessas narrativas para desafiar e subverter essas representações.

O projeto tem relevância para diversas áreas do conhecimento, incluindo Comunicação, Antropologia, Sociologia, Estudos de Gênero e Direitos Humanos, ao integrar memória coletiva, narrativa digital e justiça simbólica, criando um campo de reflexão sobre como essas dimensões interagem na construção de subjetividades e no reconhecimento de grupos marginalizados. Além disso, a pesquisa possui uma dimensão prática importante, com implicações para gestores públicos, organizações da sociedade civil e instituições culturais — como museus, centros de memória e programas de mediação cultural — que trabalham com populações vulneráveis. A colaboração entre o Coletivo Mulheres da Luz e a Pinacoteca de São Paulo, exemplificada pelo Programa de Inclusão Sociocultural (PISC), ilustra o impacto positivo de articulações interinstitucionais na criação de práticas inclusivas e vínculos simbólicos entre grupos marginalizados e espaços culturais.

A pesquisa foi conduzida por meio de quatro entrevistas semiestruturadas, realizadas em encontros presenciais. O primeiro contato com uma das participantes foi intermediado pela área educativa do museu, que apresentou a proposta do estudo. Após o consentimento inicial, a pesquisadora explicou os objetivos da investigação, os procedimentos de coleta e análise, as formas de utilização dos registros e os direitos das participantes, incluindo a possibilidade de revogação do consentimento, a confidencialidade e a autodeterminação informativa. A primeira entrevista possibilitou o contato com outras mulheres que manifestaram interesse em participar, assim como com integrantes que atuavam nos bastidores do coletivo, que ofereceram a oportunidade de entrevistar uma das fundadoras, a irmã Regina Célia.

A coleta de dados foi realizada por meio de técnicas qualitativas (Martino, 2018), tendo como principal instrumento entrevistas em profundidade conduzidas com uma das fundadoras do Coletivo Mulheres da Luz e com as mulheres atendidas pelo coletivo. Para orientar essas entrevistas, elaborou-se um roteiro semiestruturado que contemplou aspectos centrais das trajetórias de vida das participantes, os desafios enfrentados em sua inserção na prostituição e as estratégias de resistência mobilizadas para a afirmação social. A aplicação dessa técnica,

aliada ao roteiro, possibilitou a obtenção de dados densos e detalhados, fundamentais para a compreensão aprofundada das subjetividades que atravessam a experiência dessas mulheres.

De forma complementar, foram realizadas entrevistas com uma educadora do Programa de Inclusão Sociocultural (PISC) da Pinacoteca de São Paulo, Iara utilizando roteiro específico, com o objetivo de analisar como as práticas de mediação cultural e as interações entre educadores e mulheres atendidas pelo coletivo contribuíram para a socialização do grupo, a ampliação de sua visibilidade e as dinâmicas de reconhecimento cultural. A articulação entre esses dois conjuntos de entrevistas possibilitou a integração de perspectivas distintas sobre as práticas de cuidado, inclusão e valorização social, oferecendo uma análise mais abrangente das experiências e dos processos de afirmação das mulheres no contexto investigado.

Ao longo de um mês, foram realizadas quatro entrevistas, com duração entre uma e duas horas cada. As duas primeiras foram com Aila Maria e Patrícia (esta última com nome fictício), ambas em situação de prostituição desde os 17 anos. A terceira entrevista foi com Iara Santos, educadora da Pinacoteca de São Paulo e responsável pelo trabalho com os grupos vinculados ao PISC. Por fim, foi entrevistada Regina Célia, missionária e uma das fundadoras do coletivo, ao lado de Cleone Santos, falecida em 2023.

Todas as entrevistas foram transcritas com o auxílio do aplicativo *Transkriptor* e revisadas pela pesquisadora. As pesquisas realizadas com a fundadora e as integrantes do coletivo foram submetidas a uma análise orientada por três eixos principais. O primeiro eixo abordou os estigmas sociais, considerando as percepções das mulheres sobre as representações da prostituição e os efeitos desses estigmas em suas identidades e relações sociais. O segundo eixo tratou da resistência, entendida como o conjunto de estratégias mobilizadas para enfrentar representações negativas e expressas nas narrativas compartilhadas. Por fim, o terceiro eixo concentrou-se na identidade e no pertencimento, examinando de que modo as participantes constroem suas identidades em contextos de marginalização. O roteiro das entrevistas pode ser encontrado nos apêndices do trabalho.

Já a entrevista realizada com a educadora do Programa de Inclusão Sociocultural (PISC) da Pinacoteca de São Paulo foi analisada com o objetivo de compreender suas percepções sobre a importância da mediação cultural na socialização e na construção de visibilidade social das mulheres atendidas. A análise também seguiu três eixos centrais: o papel da mediação cultural, considerando como as práticas educativas contribuem para ampliar a presença simbólica e social dessas mulheres; as dinâmicas de inclusão e pertencimento, que buscaram identificar quais práticas são percebidas como mais eficazes para enfrentar estigmas e marginalização, criando espaços de inserção social; e as percepções sobre resistência, voltadas a compreender

como os educadores reconhecem as estratégias de resistência mobilizadas pelas mulheres e de que forma as ações culturais podem promover ou reforçar esses processos.

Realizar esta pesquisa foi desafiador em diversos aspectos. A prostituição, embora integre a construção social há séculos, permanece tratada de modo restrito no debate público, com pouca atenção às dimensões humanas e às dinâmicas de violência de gênero que atravessam a vida dessas mulheres. Essa limitação dificulta análises que considerem seus contextos, experiências e condições de existência.

A escassez de dados e de pesquisas quantitativas e qualitativas constitui outro obstáculo significativo. A ausência de informações sistematizadas produz um efeito de apagamento social que atinge um contingente expressivo de mulheres, cerca de 1,5 milhão em 2015. Essa lacuna reforça invisibilidades e impede leituras mais amplas sobre suas trajetórias e sobre as políticas necessárias para enfrentar desigualdades estruturais que as afetam.

Somou-se a esses desafios a tarefa de encontrar mulheres dispostas a relatar suas histórias, angústias e violências. Compartilhar experiências atravessadas por estigma demanda confiança e proteção, o que torna o processo de escuta particularmente delicado e reforça a necessidade de abordagens éticas, responsáveis e sensíveis. Houve também um desafio pessoal da pesquisadora que, mesmo ciente da assimetria social em relação às participantes, buscou construir uma escuta atenta e cuidadosa, comprometida com o respeito às narrativas e às condições de cada mulher.

Considerando esses limites, ao longo do trabalho de pesquisa foram realizadas quatro entrevistas presenciais, duas com mulheres em situação de prostituição Aila Maria e Patricia<sup>22</sup>, cujo contato inicial foi intermediado pela coordenação educativa da Pinacoteca de São Paulo. As demais entrevistas foram conduzidas com Irmã Regina, fundadora do Coletivo Mulheres da Luz, e com Yumiara Santos, educadora da Pinacoteca. Houve tentativa de entrevistar uma terceira mulher em situação de prostituição, que desistiu de participar por motivos pessoais. Paralelamente, ocorreram trocas frequentes via *WhatsApp* com integrantes da organização e administração do coletivo e com profissionais das áreas educativa e de comunicação da Pinacoteca.

As entrevistas foram realizadas no mês de Dezembro de 2025 em espaços distintos, conforme disponibilidade das participantes e condições institucionais. A conversa com Aila Maria foi realizada no Parque da Luz, em São Paulo. A entrevista com Patrícia ocorreu em local próximo ao parque. A entrevista com Yumiara foi conduzida nas dependências da Pinacoteca e

---

<sup>22</sup> Para garantir o anonimato, a entrevistada preferiu usar este pseudônimo.

a conversa com Irmã Regina ocorreu no convento onde reside, localizado na Zona Norte da cidade.

Além da bibliografia utilizada ao longo do trabalho, foi conduzida uma pesquisa abrangente sobre dados quantitativos, estudos e análises internacionais relacionadas à prostituição, políticas públicas e direitos das mulheres. Esse levantamento buscou compreender como diferentes marcos legais influenciam a organização da prostituição, as condições de vida das mulheres envolvidas e as estratégias adotadas pelos Estados no enfrentamento da exploração e da violência.

Nesse processo destacaram-se instituições que produzem conhecimento sobre o tema, como a *Fondation Scelles* e o *Mouvement du Nid* na França e a organização *Exit* em Portugal. Essas entidades elaboram pesquisas, relatórios e documentos de orientação que analisam fluxos migratórios, padrões de aliciamento, modalidades de exploração e efeitos de políticas regulatórias. Também problematizam a relação entre prostituição, desigualdade de gênero e vulnerabilidade socioeconômica. Em diversos países europeus, essas análises influenciam políticas públicas que vinculam a prostituição a dinâmicas de imigração forçada ou ilegal, resultando em legislações centradas na punição de aliciadores e clientes, além do fortalecimento de dispositivos de proteção a mulheres migrantes.

A análise de matérias jornalísticas<sup>23</sup> e comentários de usuários no *YouTube*<sup>24</sup> ampliou o alcance empírico da pesquisa e permitiu observar como a prostituição é representada no ecossistema midiático contemporâneo. As análises confirmaram estereótipos amplamente

---

<sup>23</sup>G1 São Paulo. *A vida secreta das prostitutas veteranas que trabalham em Parque Histórico de São Paulo*, G1, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/13/a-vida-secreta-das-prostitutas-veteranas-que-trabalham-em-parque-historico-de-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2025.

Folha de S.Paulo. *Prostitutas da Luz em São Paulo dizem ser perseguidas e agredidas pela GCM*, Folha de S.Paulo, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/05/prostitutas-da-luz-em-sao-paulo-dizem-ser-perseguidas-e-agredidas-pela-gcm.shtml>. Acesso em: 13 dez. 2025.

BBC News Brasil. *Prostituição*, BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/topics/cdr56rdwk04t>. Acesso em: 13 dez. 2025.

The Times. *My mother was happy when I took a sugar daddy*, The Times, 16 dez. 2025. Disponível em: <https://www.thetimes.com/us/news-today/article/how-much-sugar-baby-daddy-mmhgwwz5q>. Acesso em: 18 dez. 2025

The Times. *My summer of sugar daddies – Two rules no sex, no married men and I broke them both*, The Times, 24 ago. 2015. Disponível em: <https://www.thetimes.com/travel/destinations/uk-travel/england/london-travel/my-summer-of-sugar-daddies-two-rules-no-sex-no-married-men-and-i-broke-them-both-dsltcxfmkqz>. Acesso em: 18 dez. 2025

<sup>24</sup> Câmera do Balanço. *Idosas usam centro de São Paulo para prostituição*, YouTube, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S4LTycyWLWQ>. Acesso em: 13 dez. 2025. [YouTube](#)

Jovem Pan News. *Estação da Luz convive com prostituição e drogas*, YouTube, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-ETfjxwaE>. Acesso em: 13 dez. 2025. [YouTube](#)

Bruna Surfistinha. *A prostituição deve ser regulamentada como profissão? | Bruna Surfistinha | Mude Minha Ideia*, YouTube, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-bZzYbX3730>. Acesso em: 13 dez. 2025.

difundidos, como a associação entre prostituição e sexualização excessiva, risco moral, glamour superficial ou motivação financeira simplificada. Também foram consultados dados básicos dos perfis do Coletivo Mulheres da Luz no *Facebook* e no *Instagram*<sup>25</sup>, o que permitiu identificar padrões de engajamento e circulação das narrativas do coletivo.

A edição do episódio piloto também apresentou desafios significativos, pois as falas das entrevistadas revelam trajetórias marcadas por múltiplas rupturas, violência e instabilidade social. Essas experiências impactam diretamente a forma como elaboram e organizam suas narrativas. Em vários momentos, a articulação de um pensamento linear se mostrou difícil, não pela falta de reflexão, mas pela complexidade emocional e histórica que atravessa suas vidas em situação de prostituição.

Para articular esse percurso metodológico, utilizei o conceito de artesanato intelectual de C. Wright Mills. Segundo o autor, é fundamental que o pesquisador mantenha uma perspectiva sociológica, “não apenas na forma pela qual vive no mundo, mas no modo pelo qual vê o mundo” (MILLS, [1959] 2009, p. 14). Mills afirma ainda que o pesquisador deve “manter seu mundo interior desperto, relacionando aquilo que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa” (Mills, [1959] 2009, p. 15).

A perspectiva adotada sustentou um exercício contínuo de reflexividade, essencial para pesquisas que envolvem sujeitos em contextos de vulnerabilidade. Essa postura permitiu reorientar decisões metodológicas à medida que situações imprevistas emergiram no campo, garantindo atenção às condições concretas de realização das entrevistas e à necessidade de uma escuta cuidadosa diante de relatos atravessados por estigma, violência e silenciamentos. O referencial do artesanato intelectual proposto por Wright Mills ofereceu um eixo estruturante para essa prática, na medida em que convoca o pesquisador a articular experiência pessoal, rigor analítico e sensibilidade sociológica, reconhecendo que cada narrativa é produzida em diálogo com estruturas de poder e desigualdade que moldam o cotidiano das participantes.

Ao operar com essa orientação, tornou-se possível situar os dados de forma crítica e contextualizada, evitando leituras descoladas das condições materiais e simbólicas que atravessam a prostituição no Brasil. Essa perspectiva também auxiliou no enfrentamento da escassez de dados disponíveis sobre o tema e orientou a análise das representações estigmatizantes observadas nas já citadas matérias jornalísticas e nos comentários no YouTube.

---

<sup>25</sup> Instagram @mulheresdaluz\_. *Perfil no Instagram*, Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/mulheresdaluz/>. Acesso em: 13 dez. 2025.  
Mulheres da Luz. *Página no Facebook*, Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulheresdaluz/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

O cruzamento entre esses materiais e as experiências relatadas pelas entrevistadas revelou como discursos midiáticos tendem a naturalizar estereótipos persistentes, produzindo sentidos que reforçam desigualdades e limitam a compreensão pública sobre as múltiplas dimensões da prostituição.

Nesse sentido, o artesanato intelectual funcionou como dispositivo epistemológico capaz de articular o material empírico às reflexões teóricas sobre gênero, desigualdade e visibilidade social. Essa abordagem permitiu construir uma interpretação crítica ancorada na interseção entre campo, mídia e estrutura social, mantendo coerência entre escolhas metodológicas e o compromisso ético que orientou todo o percurso da pesquisa.

Esta pesquisa reconhece alguns limites decorrentes de suas escolhas metodológicas, recorte empírico e opções analíticas. Trata-se de uma investigação qualitativa, com enfoque em narrativas subjetivas e colaborativas, o que implica limitações importantes quanto à generalização dos resultados. O estudo foi realizado com um número reduzido de participantes, a fundadora e duas mulheres atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz. Esse recorte, embora coerente com a proposta de uma análise em profundidade, restringe a abrangência da investigação a um grupo específico, com experiências situadas em determinado contexto territorial e institucional.

O recorte espacial da pesquisa, centrado nos bairros da Luz e do Bom Retiro, não contempla outras realidades urbanas ou rurais de mulheres em situação de prostituição. Além disso, o foco empírico incide sobre mulheres, ainda que essa delimitação não seja explicitamente assumida, o que evidencia uma limitação quanto à diversidade de identidades de gênero e trajetórias no campo da prostituição.

Adicionalmente, houve desafios éticos e operacionais relacionados à participação voluntária em um projeto que envolve exposição pública por meio de uma websérie documental. Embora o trabalho assegure o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como estratégias para garantir a privacidade das participantes, persistem riscos associados à visibilidade e à possibilidade de revitimização. Soma-se a isso a assimetria nas relações de poder entre pesquisadora e participantes, aspecto que demanda uma escuta sensível, cuidadosa e ética.

Por fim, o uso da memória como fonte de informação carrega limites inerentes à sua natureza subjetiva, seletiva e afetiva, o que pode restringir a reconstrução de processos históricos mais amplos. Ainda assim, a pesquisa opta por valorizar esses relatos como forma legítima de expressão da experiência vivida e da construção de sentidos.

### 3. Discussão sobre o formato

Para este projeto, a escolha do vídeo como formato de registro e apresentação constitui uma decisão metodológica que ultrapassa os aspectos técnicos, incorporando dimensões narrativas, éticas e comunicacionais. Diferentemente de outros formatos visuais, como fotografia, ilustração ou infográficos, o vídeo possibilita a captura simultânea do movimento, da temporalidade e da voz, oferecendo uma experiência imersiva e multifacetada. Essa característica se mostra particularmente relevante em contextos que envolvem experiências humanas complexas, como a vivência de mulheres em situação de prostituição, pois permite a transmissão de gestos, expressões e contextos que dificilmente seriam captados por fotografias ou textos. Além disso, o vídeo constitui uma oportunidade singular de humanizar os sujeitos retratados, conferindo voz e visibilidade às suas histórias, experiências e percepções.

Essa capacidade de imersão e humanização naturalmente se conecta à dimensão comunicacional do vídeo, que reforça seu potencial enquanto ferramenta de sensibilização e alteridade. Ao integrar imagem, som e ritmo, o vídeo permite a construção de uma narrativa envolvente e sensorial, capaz de estabelecer uma relação direta entre o espectador e o conteúdo apresentado. A escolha de enquadramentos, iluminação, trilha sonora e ritmo de edição influencia a interpretação do público, destacando ou suavizando determinadas leituras do conteúdo. Dessa forma, o vídeo não apenas transmite informações, mas também favorece o desenvolvimento de empatia, ao permitir que o espectador vivencie, ainda que de forma indireta, os contextos, emoções e desafios enfrentados pelos participantes.

Além disso, o caráter digital do vídeo amplia significativamente sua utilidade e impacto. Diferentemente de mídias analógicas ou impressas, ele pode ser distribuído de forma rápida e acessível em múltiplas plataformas, como sites institucionais, redes sociais e bancos de dados digitais. Essa facilidade de difusão potencializa a visibilidade do projeto e de seus participantes, ampliando o alcance social da narrativa e permitindo que mais pessoas tenham acesso às experiências registradas. A capacidade de compartilhar conteúdos digitalmente complementa a dimensão empática do vídeo, tornando-o um instrumento não apenas informativo, mas também transformador, capaz de sensibilizar o público de maneira ampla e imediata.

Contudo, é necessário reconhecer que o vídeo, como qualquer formato visual, implica escolhas seletivas. Decidir o que mostrar, por quanto tempo e sob qual perspectiva define quais aspectos da realidade serão evidenciados e quais permanecerão ocultos. Essas decisões carregam implicações éticas e metodológicas, exigindo reflexão crítica constante sobre representatividade, viés e responsabilidade na construção da narrativa. Essa atenção é

especialmente relevante em contextos de vulnerabilidade social, nos quais a forma de representação pode influenciar percepções públicas e impactar diretamente os sujeitos retratados.

Por todos os pontos abordados, o vídeo se consolida como um formato particularmente adequado para projetos voltados à visibilidade e à escuta de grupos marginalizados. Ele combina informação, emoção, contexto, potencial de sensibilização, capacidade de gerar empatia e facilidade de distribuição digital.

#### 4. Apresentação do produto

A partir das reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa, este capítulo apresenta a concepção, os objetivos e os fundamentos estéticos, políticos e sociais da série documental *À Luz da Memória: Mulheres que Resistem*, concebida como o produto final deste estudo. Composta por dez episódios de 1 hora de duração, dos quais apenas o episódio piloto foi produzido, a websérie se propõe como uma ação de memória digital que articula narrativa, imagem e escuta sensível das trajetórias de mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz. A proposta parte do princípio de que a memória, mais do que uma faculdade individual, constitui-se como um fenômeno social compartilhado e constantemente reatualizado por meio de narrativas e registros coletivos, capazes de disputar sentidos sobre o passado e de produzir reconhecimento no presente (Halbwachs, 1990; Pollak, 1989).

Ambientada no Parque da Luz e em seu entorno imediato, região do Bom Retiro, São Paulo, marcada por disputas históricas sobre o uso e o controle do espaço urbano, a série se insere num território simbólico e materialmente atravessado por fluxos migratórios, processos de gentrificação, políticas higienistas e práticas de resistência cotidiana. Nesse cenário, as mulheres em situação de prostituição atuam não apenas como personagens visíveis de uma dinâmica social frequentemente criminalizada e estigmatizada, mas também como agentes que elaboram e compartilham memórias, afetos e saberes sobre o lugar e sobre si mesmas. A série adota a cidade e suas transformações como um dos protagonistas centrais, conectando as experiências individuais aos processos históricos mais amplos que estruturam as condições de vida dessas mulheres.

Cada episódio da série articula um tema central — como estigma, maternidade, corpo, trabalho, cultura e redes de cuidado — a partir de relatos pessoais das participantes, permitindo que a narrativa se construa com base nas próprias experiências, sem mediações externas. Ao fazer isso, *À Luz da Memória* desafia a lógica tradicional de representação das mulheres em

situação de prostituição, frequentemente retratadas sob uma perspectiva de vitimização ou tutela. A abordagem adotada na série busca resgatar a autonomia das mulheres, permitindo que elas se tornem narradoras de suas próprias histórias, e não apenas objetos de uma narrativa imposta.

Do ponto de vista estético, a série adota uma linguagem sensível e engajada. A paleta de cores busca refletir a materialidade do território e os vestígios do tempo: tons terrosos, verdes musgo e elementos da paisagem urbana envelhecida. A imagem, com sua textura realista, constrói-se por meio de planos abertos que capturam a paisagem urbana e de detalhes íntimos do cotidiano, como mãos, objetos, trilhos e árvores, evidenciando a dimensão corporal e afetiva da memória. A estética não busca embelezar ou estetizar o sofrimento, mas reinscrever os corpos e os territórios que resistem à invisibilidade social, valorizando a complexidade e a humanidade das mulheres retratadas.

A trilha sonora, composta por músicas urbanas dialoga diretamente com os sons da cidade, como o barulho dos trens, o vento nas árvores e as vozes da população, criando uma paisagem sonora imersiva. O uso do silêncio, por sua vez, é empregado como recurso expressivo, oferecendo espaço para pausas e ausências, elementos simbólicos de uma narrativa que não se limita ao visível. Elementos gráficos, como tipografia simples e frases extraídas dos depoimentos das participantes, complementam a narrativa sem interferir na organicidade dos relatos.

A série não pretende apresentar respostas definitivas ou retratos conclusivos sobre as mulheres participantes, mas abrir espaço para a circulação de narrativas que resistem ao silenciamento. Ao adotar uma postura de recusa ao enquadramento moral, jurídico e midiático imposto pela sociedade a essas mulheres, *À Luz da Memória* constitui-se como um gesto político e comunicacional que busca reconfigurar as representações das mulheres em situação de prostituição no imaginário coletivo.

Ao construir um arquivo audiovisual, a série inscreve-se como prática de registro, memória e resistência, contribuindo para o fortalecimento de repertórios simbólicos mais diversos e configurando-se como uma intervenção estética, política e social que utiliza as tecnologias digitais não apenas como veículos de difusão, mas como elementos centrais de construção e circulação.

Aqui a memória, tradicionalmente associada a arquivos e registros escritos, ganha nova configuração ao ser digitalizada e disseminada em plataformas digitais, tornando-se instrumento de contestação e visibilidade para as mulheres atendidas pelo coletivo. Ao criar um arquivo coletivo e dinâmico, *À Luz da Memória* não apenas preserva as histórias dessas

mulheres, mas as ressignifica, oferecendo-lhes a possibilidade de reescrever suas trajetórias e reivindicar seu lugar na memória coletiva.

*À Luz da Memória: Mulheres que Resistem* não se limita a ser um produto audiovisual, mas posiciona-se como uma possível ferramenta de reflexão simbólica. Ao destacar as histórias de vida e resistência das mulheres atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz, a série questiona as construções sociais que sustentam estigmas e marginalização. Sua inovação reside na reconstrução das narrativas sobre essas mulheres, oferecendo uma nova perspectiva e reafirmando sua dignidade e humanidade de maneira profunda e transformadora.

## EPISÓDIOS

Para os fins desta pesquisa, foi produzido apenas o episódio piloto da série documental *À Luz da Memória: Mulheres que Resistem*.<sup>26</sup> No entanto, apresentam-se a seguir sugestões para a continuidade do projeto, cuja viabilidade está condicionada à obtenção de patrocínio ou financiamento externo. A descrição integral da proposta, incluindo os fundamentos estéticos, políticos e narrativos que estruturam a série como um todo, é fundamental para a compreensão do conceito que orienta este produto audiovisual. Mesmo com a realização de um único episódio, torna-se necessário apresentar a visão completa do projeto, de modo a evidenciar sua coerência interna, seus objetivos e o potencial de ampliação futura, situando o episódio piloto como parte integrante de uma construção mais ampla e articulada.

EPISÓDIO PILOTO - O minidocumentário, 60 min., apresenta o Jardim da Luz como território de memória e disputa, articulando histórias de mulheres em situação de prostituição com a atuação do Coletivo Mulheres da Luz. A partir de relatos pessoais, o filme aborda migração, vulnerabilidade, estigmatização e as contradições entre sobrevivência, autonomia e exclusão. Em contraponto, destaca o coletivo como espaço de acolhimento, escuta e acesso a direitos, educação e cultura, evidenciando processos de reconstrução da dignidade e de ressignificação das trajetórias. O encerramento celebra a vida e a potência do cuidado coletivo como forma de resistência.

EP1 – "No Centro da Cidade, no Centro da Luta". Com 20 minutos

---

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Carla Regina de. *À luz da memória: mulheres que resistem*. 2026. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/KndREpWSXTU>. Acesso em: 27 jan. 2026.

Introdução ao território (Parque da Luz e Bom Retiro) como espaço de disputa simbólica e social.

Depoimentos sobre o que significa habitar esse espaço urbano.

Imagens do cotidiano, fluxos, contrastes entre patrimônio e marginalização.

EP2 – "Memória é Território". Com 20 minutos

Reflexões sobre memória coletiva e apagamento.

Primeiras memórias de chegada à região; experiências de reconhecimento no território.

EP3 – "O Estigma e o Olhar". Com 20 minutos

Como os estereótipos moldam a percepção da sociedade sobre a prostituição.

As participantes falam sobre os julgamentos e violências simbólicas que enfrentam.

EP4 – "Vidas que Sustentam". Com 20 minutos

Histórias de maternidade, cuidado e responsabilidade familiar.

A prostituição como estratégia de sobrevivência.

EP5 – "Corpos Políticos". Com 20 minutos

Como o corpo é atravessado por normas morais e sociais.

Reflexões sobre desejo, religião, idade e sexualidade.

EP6 – "A Luz do Coletivo". Com 20 minutos

História do Coletivo Mulheres da Luz.

Depoimentos das trabalhadoras sociais e voluntárias.

A casa do coletivo como espaço de cuidado, escuta e reconstrução.

EP7 – "Cultura como Cuidado". Com 20 minutos

Entrevistas com espaços culturais parceiros (Pinacoteca e Museu da Língua Portuguesa).

A arte como mediadora de pertencimento e reexistência.

EP8 – "Rede que Acolhe". Com 20 minutos

Vínculos e amizades formadas no coletivo.

Encontros, oficinas, celebrações.

EP9 – "Narrativas Digitais". Com 20 minutos

A prostituição 2.0 e a reprodução de violência e estigmas.

Reflexão sobre os impactos que filmes, séries e aplicativos têm sobre o tema e a sociedade

EP10 – "Ainda Caminhamos". Com 20 minutos

Futuro, desejos e sonhos.

Encerramento com uma caminhada coletiva pelo parque.

Poética do movimento e da permanência.

#### **4.1 Públicos e potenciais modos de circulação do produto**

A divulgação dos episódios da série pode ser estruturada de maneira estratégica, diante da ausência de recursos destinados a campanhas publicitárias pagas. Mediante autorização das participantes, sua circulação pode ocorrer, por meio da integração entre plataformas digitais, parcerias institucionais, ações locais e mobilização da imprensa, explorando tanto o engajamento orgânico do público quanto os vínculos colaborativos previamente consolidados. Já a divulgação do episódio piloto será restrita ao âmbito acadêmico, em virtude das autorizações concedidas limitarem o uso de imagem e voz em outros meios de difusão.

#### **Plataformas digitais**

No ambiente digital, poderiam ser desenvolvidas ações estratégicas nas redes sociais do Coletivo Mulheres da Luz, incluindo campanhas de lançamento dos episódios, registros dos bastidores e conteúdos interativos. Essas ações poderiam ser reforçadas em datas de relevância, como o Dia Internacional da Mulher (8 de março), o Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher (25 de novembro) e outras efemérides vinculadas aos direitos humanos. Adicionalmente, a segmentação estratégica poderia ser promovida por meio de hashtags e campanhas orgânicas (#mulheresQueResistem), incentivando a participação do público sem a necessidade de anúncios pagos.

**Públicos:** seguidores do Coletivo, jovens engajados em pautas sociais e culturais, militantes digitais, ativistas feministas e usuários de redes sociais interessados em direitos humanos e cultura periférica.

### **Hackathon colaborativa no Wikipedia**

Uma ação potencial de circulação simbólica no ambiente digital poderia consistir em um hackathon ou em uma intervenção colaborativa na Wikipedia, com o objetivo de revisar e ampliar artigos sobre mulheres em situação de prostituição. Essa iniciativa possibilitaria a correção de estigmas, a incorporação de informações históricas e culturais e a promoção de maior visibilidade ao tema, contribuindo diretamente para a construção do conhecimento público. Embora dependa das normas e da revisão da comunidade da Wikipédia, a estratégia representaria uma forma de engajamento crítico e colaborativo, em consonância com a proposta da websérie de fortalecer a memória digital e a presença simbólica das mulheres atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz.

**Públicos:** usuários e leitores da Wikipédia, pesquisadores, estudantes, educadores e o público em geral interessado em direitos das mulheres, memória coletiva e inclusão social.

### **Parcerias com influenciadores e ativistas digitais**

Possíveis parcerias com influenciadores locais, micro influenciadores e ativistas digitais que atuam em áreas relacionadas aos temas da websérie, como direitos das mulheres, resistência cultural e cultura periférica, poderiam ser firmadas. Esses parceiros poderiam contribuir por meio de menções espontâneas, publicações e compartilhamento de conteúdos, ampliando o alcance de forma orgânica.

**Públicos:** seguidores de influenciadores engajados em causas sociais, jovens conectados à cultura digital e ativistas que promovem debates sobre direitos das mulheres e diversidade cultural.

### **Promoção cruzada com organizações sociais e culturais**

Uma estratégia complementar de circulação do episódio consiste na promoção cruzada com organizações sociais, coletivos culturais e movimentos de direitos humanos, abrangendo a divulgação mútua em redes sociais e sites institucionais. Nesse contexto, poderia ser estabelecida uma colaboração com o Museu da Pessoa, dada a afinidade temática em torno da memória e da narrativa como estratégias de visibilidade. A inclusão da websérie em seu acervo possibilitaria a documentação permanente das narrativas, reconhecendo institucionalmente a relevância das trajetórias das mulheres atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz. De forma

complementar, ações conjuntas com a Pinacoteca de São Paulo e o Museu da Língua Portuguesa, instituições que já desenvolvem atividades socioeducativas com o Coletivo, poderiam ser articuladas, fortalecendo a circulação da websérie junto a públicos escolares, frequentadores ocasionais dos museus, grupos culturais vinculados às ações educativas e pesquisadores interessados em memória social e educação patrimonial.

**Públicos:** estudantes, professores, frequentadores de museus, educadores culturais e pesquisadores interessados em memória social e educação patrimonial.

### **Parcerias com mídia local e assessoria de imprensa**

A circulação da websérie também poderia contar com parcerias com mídias locais e comunitárias, como jornais, rádios e plataformas de notícias, que frequentemente se dispõem a divulgar conteúdos de interesse social sem custos diretos. Além disso, poderia ser mobilizada uma ação de assessoria de imprensa, com envio de notas, *press releases* e sugestões de pauta a veículos de comunicação, ampliando a repercussão tanto na imprensa tradicional quanto na alternativa.

**Públicos:** pessoas da região, jornalistas, pesquisadores, ativistas de direitos humanos e leitores ou ouvintes interessados em políticas urbanas, cultura e direitos das mulheres.

### **Exibições comunitárias e eventos locais**

O episódio poderia ser exibido em espaços culturais parceiros, centros comunitários, unidades básicas de saúde na região do Bom Retiro e em eventos locais, ampliando sua circulação junto a públicos diretamente vinculados ao território. Nessas ocasiões, poderiam ser promovidas rodas de conversa, distribuição de materiais informativos e convites à interação digital, integrando o ambiente presencial às redes sociais da produção. Adicionalmente, poderiam ser realizadas ações de guerrilha urbana, como intervenções em pontos de ônibus e relógios de rua, veiculando mensagens que desafiem os estigmas associados a mulheres em situação de prostituição e promovendo reflexão e visibilidade no cotidiano da cidade.

**Públicos:** mulheres em situação de prostituição e suas redes de apoio, moradores do território, frequentadores de espaços culturais, usuários e profissionais das unidades básicas de saúde, estudantes, artistas e a comunidade local interessada em cultura, memória e direitos sociais.

## 4.2 Aplicação do produto

A websérie *À Luz da Memória: Mulheres que Resistem*, apresenta múltiplas possibilidades de aplicação nos campos do ativismo, da educação e da produção de conhecimento. Ao articular memória digital, representação social e resistência cultural, o projeto busca reconfigurar as narrativas sobre mulheres em situação de prostituição, desafiando estigmas e promovendo visibilidade em diferentes instâncias sociais.

No âmbito do ativismo e da mobilização social, a série pode constituir-se como instrumento de promoção dos direitos humanos, ao fornecer representações autênticas que se distanciam da lógica tradicional de vitimização. Por meio do uso estratégico de plataformas digitais e de intervenções em espaços públicos, a websérie atua como ferramenta de resistência simbólica, questionando narrativas estigmatizadas e ampliando o protagonismo das mulheres em situação de prostituição na construção de suas próprias histórias. Exibições em espaços culturais parceiros, centros comunitários, unidades básicas de saúde e eventos locais possibilitam o engajamento direto com públicos territoriais, promovendo rodas de conversa, debates e interação digital. Ações de guerrilha urbana, como intervenções em pontos de ônibus e relógios de rua, bem como campanhas colaborativas em plataformas como o Wikipedia, ampliam a circulação do conteúdo e a visibilidade crítica das temáticas abordadas.

A parceria com o Museu da Pessoa pode representar um eixo estratégico de circulação e preservação. A inclusão da websérie em seu acervo permite a documentação permanente das narrativas, reconhecendo institucionalmente a relevância das trajetórias das mulheres atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz. Essa colaboração fortalece a dimensão de memória digital do projeto, garantindo acesso público, ressignificação histórica e integração das experiências individuais em um arquivo coletivo que conecta memória, cultura e cidadania.

No contexto acadêmico, a websérie constitui recurso pedagógico relevante para cursos de Comunicação, Sociologia, Antropologia, Estudos de Gênero e Direitos Humanos, oferecendo material de análise para discussões sobre memória coletiva, representações sociais da prostituição, resistência cultural e dinâmicas de visibilidade e invisibilidade. A centralidade da escuta das mulheres como narradoras de suas próprias histórias permite a reflexão sobre autonomia, dignidade e reconfiguração do imaginário social, contribuindo para debates sobre identidade, agência e poder simbólico.

No campo da pesquisa e da produção de conhecimento, *À Luz da Memória* estabeleceu-se como um arquivo audiovisual, capaz de subsidiar investigações sobre cultura digital, práticas de resistência e políticas de inclusão social. Sua circulação estratégica e documentação

sistemática, incluindo a parceria com o Museu da Pessoa, oferecem elementos para a formulação de políticas públicas, planejamento de ações institucionais e desenvolvimento de iniciativas culturais orientadas para a visibilidade e o reconhecimento de grupos historicamente marginalizados.

## **5. Considerações finais**

A pesquisa desenvolvida partiu da compreensão da memória como fenômeno social, atravessado por disputas, silenciamentos e hierarquias. Em diálogo com Halbwachs (1990) e Pollak (1989), buscou-se evidenciar que as narrativas sobre mulheres em situação de prostituição raramente ocupam o lugar de memória legítima, permanecendo, em grande medida, como memórias subterrâneas. Ao aproximar esse referencial das trajetórias de mulheres atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz, a investigação mostrou que suas histórias são sistematicamente excluídas das narrativas hegemônicas sobre cidade, trabalho, família e cidadania, embora componham de forma decisiva a experiência urbana e os modos de produção de sociabilidade.

Nesse percurso, a prostituição foi compreendida não como prática individual ou escolha isolada, mas como instituição histórica enraizada em estruturas patriarcais, tal como apontado por Gerda Lerner (2019). A análise dos dados e dos relatos evidenciou que, no contexto brasileiro, a prostituição se articula de modo consistente com pobreza estrutural, racismo, violência doméstica, abandono familiar e ausência de políticas públicas eficazes. A trajetória de Aila Maria, assim como a de Patrícia, ilustra essa imbricação entre deslocamento territorial, precariedade laboral, ruptura de vínculos e entrada precoce na prostituição. Esses elementos reforçam a tese de que o corpo feminino é convertido em recurso econômico em um cenário de desigualdades profundas, tanto nas ruas quanto nas plataformas digitais.

Ao articular prostituição e comunicação, a pesquisa evidenciou o papel central das mídias na produção e circulação de sentidos sobre essas mulheres. A análise de telenovelas, séries, reportagens, comentários em redes sociais e conteúdos sobre plataformas como o Only Fans mostrou que persistem representações que sexualizam, moralizam ou individualizam as experiências, apagando determinantes estruturais. Em consonância com Hall (1997) e Bourdieu (1986), observou-se que tais narrativas constroem personagens coerentes e bem sucedidos que mascaram condições de exploração e precariedade, reforçando a ilusão biográfica e naturalizando a ideia de escolha empreendedora. Ao mesmo tempo, os relatos das entrevistadas

indicam que essas ficções midiáticas atravessam suas próprias formas de se ver e de se imaginar, evidenciando a força da mediação simbólica na construção da subjetividade.

Diante desse quadro, o Coletivo Mulheres da Luz aparece como espaço privilegiado de resistência e elaboração de memória social. Sua atuação intersetorial, articulando saúde, educação, cultura, assistência e geração de renda, possibilita que mulheres em situação de prostituição experimentem outras formas de pertencimento e reconhecimento. A parceria com a Pinacoteca de São Paulo, por meio do Programa de Inclusão Sociocultural, amplia esse movimento ao colocar arte, território e cidadania em diálogo. As ações socioeducativas, as rodas de conversa e os processos de mediação cultural relatados pela educadora Iara mostram que, quando há espaço garantido de fala e escuta, essas mulheres passam a se ver para além do estereótipo e afirmam publicamente sua capacidade de interpretar, produzir sentido e falar sobre arte. Esse deslocamento, ainda que localizado, configura um gesto político de grande alcance simbólico.

É nesse encontro entre memória, comunicação e práticas culturais que se insere a websérie *À Luz da Memória: Mulheres que Resistem*, produto final da pesquisa. A escolha do vídeo como formato não se limitou a critérios técnicos, mas respondeu ao objetivo de registrar voz, gesto, paisagem e contexto, compondo uma narrativa sensível e situada. O episódio piloto, ambientado no Parque da Luz e no entorno do Bom Retiro, buscou construir um espaço de escuta em que as mulheres assumem o lugar de narradoras de si, e não apenas de personagens narradas por outros. A proposta da série, estruturada em dez episódios, aponta para a construção de um arquivo audiovisual que articula memória digital, narrativa e território, disputando sentidos sobre a prostituição no espaço público.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para o campo da Comunicação ao articular memória coletiva, narrativa digital e poder simbólico na análise de um grupo historicamente marginalizado. Ao integrar aportes de Halbwachs, Pollak, Fraser, Bourdieu, Hall e Sibilía, demonstrou-se que as narrativas digitais constituem um campo ambíguo. Podem produzir e reproduzir estigmas e reforçar códigos culturais excludentes, mas também podem abrir brechas, quando ancoradas em experiências concretas, para a afirmação de dignidade, agência e pertencimento. A hipótese formulada no início se confirma de forma parcial: as narrativas digitais tanto podem reforçar estereótipos quanto operar como ferramentas de resistência, dependendo das condições de produção, mediação e circulação em que são inscritas.

No plano metodológico, a pesquisa reafirma a potência das abordagens qualitativas ancoradas em entrevistas, análise temática e artesanato intelectual. O percurso empírico, marcado pela escassez de dados, pela dificuldade de acesso às participantes e pela delicadeza

dos temas abordados, exigiu uma postura reflexiva permanente. A noção de artesanato intelectual, formulada por Wright Mills (1959), ofereceu um eixo para articular experiência de campo, rigor analítico e sensibilidade ética, reconhecendo a assimetria entre pesquisadora e participantes e a necessidade de não transformar relatos singulares em discursos totalizantes. Os limites da investigação, como o número reduzido de entrevistadas, o recorte territorial e o foco em mulheres, são reconhecidos como condicionantes importantes e apontam para a necessidade de novos estudos que incorporem outras experiências e identidades.

Ainda assim, os resultados alcançados indicam que registrar e fazer circular memórias de mulheres em situação de prostituição constitui uma forma de intervenção social e simbólica. A documentação das trajetórias, em diálogo com experiências como a do Museu da Pessoa, mostra que o contato com histórias de vida contribui para a ampliação da empatia, para a problematização de estigmas e para o fortalecimento de vínculos comunitários. Ao inscrever as histórias das Mulheres da Luz em um arquivo digital e audiovisual, a pesquisa contribui para disputar o lugar da prostituição na memória coletiva, afastando a discussão do campo exclusivo da moralização ou da espetacularização midiática.

Encerrar esta pesquisa não significa esgotar o tema, mas reconhecer que ele permanece em aberto, atravessado por tensões históricas, políticas e comunicacionais. A websérie *À Luz da Memória: Mulheres que Resistem* se coloca como um ponto de partida e não de chegada. Ao afirmar as mulheres em situação de prostituição como sujeitos de memória e de direito à palavra, o projeto indica que a justiça social também se constrói na esfera simbólica, na disputa por narrativas, imagens e sentidos. Enquanto parte dessas mulheres continuar reduzida ao silêncio, ao estigma ou ao espetáculo, haverá trabalho a ser feito na interseção entre comunicação, memória e luta por reconhecimento.

## 6. Referências

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique**: précédé de trois études d'ethnologie kabyle. Paris: Seuil, 1972.
- BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica". AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FONDATION SCELLES. *Sexual Exploitation: novos desafios, novas respostas. 5. relatório global*. Paris: Fondation Scelles, 2019. Disponível em: <https://www.globalprostitutionreport.org/> Acesso em: 1 set. 2025.

CHAUÍ, Marilena. “Convite à Filosofia”. Ed. Ática, São Paulo, 2000. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

C. Wright Mills, é: MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

COULDRY, Nick. **Why voice matters: culture and politics after neoliberalism**. London: Sage, 2010.

DE SOUSA, Raimunda Brito. As intersecções entre memória coletiva e memória histórica, **Jamaxi**, v. 7, n. 1, 2023.

DIAS, Carlos; OHTAKE, Ricardo. **Jardim da Luz: um museu a céu aberto**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2011.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera; prefácio de Lola Aronovich. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2 out. 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/fpGyHz8dRnk56XjcFGs736F/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 17 dez. 2025

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314–332, dez. 2002.

FRASER, Nancy. 2001. “From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a ‘postsocialist’ age”. In: S. Seidman; J. Alexander. (orgs.). 2001. **The new social theory reader**. Londres: Routledge, pp. 285-293.

FONDATION SCELLES. **A summary of prostitution**. Disponível em: <https://www.fondationscelles.org/en/prostitution/a-summery-of-prostitution>. Acesso em: 24 jul. e 07 ago. 2025.

FONDATION SCELLES. **Sexual Exploitation: novos desafios, novas respostas (5º relatório global)**. Paris: Fondation Scelles, 2019. Disponível em:

<https://fondationscelles.org/pdf/RM5/OVERVIEW-Global-Report-2019-on-sexual-exploitation-FONDATION-SCELLES.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025.

FONDATION SCELLES. A Summary of Prostitution. **Fontation Scelles – Knowing, Understading, Fightin Sexual Explotation – Website**. Disponível em: <https://www.fondationscelles.org/en/prostitution/a-summery-of-prostitution#a-universe-of-violence> Acesso em: 08 ago. 2025.

FURIOSA. Prostituição: dados internacionais e situação do Brasil. **QG Feminista**. Medium, 5 dez. 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/prostitui%C3%A7%C3%A3o-dados-internacionais-e-situa%C3%A7%C3%A3o-do-brasil-10b32b3b2689>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FU, Yaming; MAHONY, Simon; LIU, Wei. Reconstruction of cultural memory through digital storytelling: a case study of Shanghai Memory project. **Digital Scholarship in the Humanities**, [S. l.], v. 00, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/llc/fqad044>. Acesso em: 20 jul. 2025.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015

GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 7, n. 13, 2015. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>. Acesso em: 24 jul. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Sergio Lessa. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1990.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p.15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514> >. Acesso em: 02 dez. 2025.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 387-404.

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 439-487.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 1995.

KESSEL, Zilda. “Memória e memória coletiva”. Disponível em <[http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf)>. Acesso em: 24 de ago. 2025

KOÇAK, D. O. Memória coletiva e práticas digitais de lembrança. In: FRIESE, H.; REBANE, G.; NOLDEN, M.; SCHREITER, M. (org.). **Handbuch soziale Praktiken und digitale Alltagswelten**. Wiesbaden: Springer VS, 2017. (Springer Sozialwissenschaften). Disponível em: [https://link.springer.com/rwe/10.1007/978-3-658-08460-8\\_36-1](https://link.springer.com/rwe/10.1007/978-3-658-08460-8_36-1). Acesso em: 20 jul. 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Tradução: Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEONARDELLI, Patrícia. **A memória como recriação do vivido** - um estudo da história do conceito de memória aplicado às artes performativas na perspectiva do depoimento pessoal. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-07052009-143057/pt-br.php> Acesso em: 2025-10-08.

MACHADO, Leandro. A vida secreta das prostitutas veteranas que trabalham no parque histórico de São Paulo. **BBC News Brasil**, São Paulo, 10 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45133657>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MANDOLESSI, Silvana. Memory in the digital age. **Memorial Studies**, 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10509603/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 16–27, jan./jun. 2016.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/377/376> Acesso em: 23 jul. 2025.

MEDEIROS, Maria Carolina. **Essa fez Socila**: narrativas sobre etiqueta, socialização feminina e aperfeiçoamento social da mulher. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação e Produção) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Defesa em 11 de julho de 2022. Acesso em: 2025-08-23.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Prostituição à brasileira**: cinco histórias. São Paulo: Contexto, 2015.

NÃO TE EMPODERO. [Locução de: Maria Carolina Medeiros]. [S.l.]: Spotify, 2025. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/21xaGKadO9f43mpihiAzhX>. Acesso em: 23 ago. 2025.

NERI, Carneiro. “Memória e patrimônio: etimologia”. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288>. Acesso em: 11 nov. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos.**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3-15, 1989. Disponível em: [Zucleodememoria.vrac.puc-rio.br/system/files/acervo-livre/cg0181/textocg0181012.pdf](http://Zucleodememoria.vrac.puc-rio.br/system/files/acervo-livre/cg0181/textocg0181012.pdf) . Acesso em: 23 ago. 2025.

POLLETTA, Francesca. **It was like a fever**: storytelling in protest and politics. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative analysis**. Newbury Park: Sage Publications, 1993. (Qualitative Research Methods, v. 30).

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. Los Angeles: SAGE Publications, 2008.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

SANTOS, Cleone (org.). **Trajetórias de vidas**: Mulheres da Luz. 1. ed. São Paulo: Coopacesso, 2019

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Selma Lima da. **Mulheres da Luz**: uma etnografia dos usos e preservação no uso do "Crack". 2000. Dissertação (Mestrado em Serviços de Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, University of São Paulo, São Paulo, 2000. doi:10.11606/D.6.2000.tde-27042008-180551. Acesso em: 2025-08-23.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

## 7. Apêndices

### **ROTEIRO PRÉVIO DE PERGUNTAS PARA MULHERES DO COLETIVO**

A seguir, apresento as questões que orientarão as entrevistas com as participantes, organizadas em diferentes áreas de interesse, como trajetórias pessoais, visibilidade, resistência, identidade, e o impacto da participação na produção da websérie.

#### **Sobre suas trajetórias e experiências pessoais:**

1. Como você chegou até o Coletivo Mulheres da Luz?
2. Pode compartilhar um pouco sobre sua trajetória de vida?
3. Quais são os principais desafios que você enfrenta no seu dia a dia, tanto no trabalho quanto em sua vida pessoal?
4. Como você lida com o estigma associado à prostituição e como ele afeta sua vida e seus relacionamentos?
5. O que significa para você ser parte do Coletivo Mulheres da Luz e como isso impacta a sua vida?
6. Como você se identifica ou se denomina?

#### **Sobre a visibilidade e resistência:**

1. O que representa para você ser reconhecida pela sociedade, especialmente no contexto de sua experiência como mulher em situação de prostituição?
2. Quais são as formas de resistência que você e outras mulheres do Coletivo praticam em relação ao estigma e à exclusão social?

Sobre o processo da produção da websérie

1. Quais aspectos da sua história você gostaria que fossem destacados nesta série?

#### **Sobre identidade e pertencimento:**

1. Como você se define enquanto mulher e qual o papel que o Coletivo Mulheres da Luz desempenha na construção dessa identidade?
2. Como o Coletivo e as experiências vividas nas ações de apoio e acolhimento ajudam a reafirmar sua identidade e seus direitos?
3. Você acredita que as histórias compartilhadas na série podem contribuir para a construção de uma identidade comum entre as mulheres em situação de prostituição?

#### **Sobre o impacto da narrativa digital:**

1. Qual é a importância de ter sua história contada?
2. Você acredita que, ao compartilhar sua história com o público, está contribuindo para mudar a forma como a sociedade trata as mulheres em situação de prostituição?
3. Como você imagina que o público que assistir à websérie vai reagir ao ver mulheres como você falando sobre suas experiências?

### **ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A EDUCADORA DA PINACOTECA**

Este roteiro foi destinado a educadora da Pinacoteca de São Paulo, que interage diretamente com as mulheres do Coletivo Mulheres da Luz no âmbito do Programa de Inclusão Social e Cultural (PISC). O objetivo é capturar as percepções dos educadores sobre a experiência das participantes, o impacto das atividades realizadas e o papel da Pinacoteca na promoção da visibilidade e emancipação das mulheres em situação de vulnerabilidade social, especialmente aquelas em situação de prostituição. As questões abordam a construção de identidade, o enfrentamento do estigma, a socialização e as formas de resistência que surgem a partir das atividades culturais e educativas promovidas pela instituição.

#### **Sobre a interação com as mulheres do Coletivo:**

1. Como você descreve a participação das mulheres do Coletivo Mulheres da Luz no programa PISC da Pinacoteca? Quais atividades elas mais se envolvem?
2. Quais desafios você percebe na dinâmica de integração das mulheres ao ambiente cultural da Pinacoteca, considerando o histórico de vulnerabilidade social e a experiência delas na prostituição?
3. De que maneira as mulheres do Coletivo têm se apropriado das atividades do programa PISC? Há alguma mudança observada no comportamento ou nas percepções delas sobre arte e cultura?
4. Você percebe a mudança das mulheres do Coletivo em relação à sua autoimagem e identidade ao longo da sua participação no programa?

#### **Sobre o impacto do programa PISC:**

1. Como você acredita que a participação no programa PISC contribui para a construção de uma identidade cultural e pessoal para as mulheres atendidas pelo Coletivo Mulheres da Luz?
2. De que forma as atividades culturais e educativas realizadas pela Pinacoteca influenciam a forma como as mulheres lidam com o estigma associado à prostituição?

3. Qual é o impacto das atividades culturais no fortalecimento da autoestima e no empoderamento das mulheres do Coletivo?

**Sobre o processo de visibilidade e resistência:**

1. Como você observa a percepção das mulheres sobre a arte como um meio de resistência e expressão? Elas conseguem usar essa experiência para desafiar os estigmas que enfrentam na sociedade?

2. Você acredita que as atividades da Pinacoteca oferecem uma plataforma para as mulheres se tornarem protagonistas de suas próprias narrativas? Se sim, como isso acontece no contexto do programa?

**Sobre o papel da Pinacoteca e da equipe de educadores:**

1. Qual é o papel da equipe de educadores da Pinacoteca no processo de inclusão das mulheres no ambiente cultural? Como é o acompanhamento delas nas atividades?

2. Como os educadores contribuem para a criação de um ambiente de acolhimento e respeito dentro do espaço cultural, considerando as histórias e experiências das mulheres atendidas pelo Coletivo?

3. Você percebe alguma mudança na percepção da equipe sobre as mulheres que participam do programa após o início de sua participação nas atividades culturais?

4. Você observa alguma mudança na forma como as mulheres participantes do programa percebem a equipe e se sentem pertencentes ao museu?

**ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A FUNDADORA DO COLETIVO**

1. Sobre trajetória pessoal e fundação do coletivo
2. Pode nos contar um pouco sobre sua trajetória de vida antes da fundação do Coletivo Mulheres da Luz?
3. O que a motivou a criar o coletivo e a dedicar-se à defesa das mulheres em situação de prostituição?
4. Quais foram os principais desafios que enfrentou ao iniciar este projeto?
5. De alguma forma sua experiência como missionária inspirou a criação do Coletivo Mulheres da Luz?

**Sobre a missão, objetivos e impacto do coletivo**

1. Como você definiria a missão central do Coletivo Mulheres da Luz?
2. Quais transformações você percebeu na vida das mulheres que participaram do coletivo desde sua fundação?
3. De que forma o coletivo contribui para a construção de novas formas de identidade e resistência entre as mulheres?
4. Como você avalia o papel do coletivo na luta contra o estigma da prostituição?

**Sobre memória, narrativa e visibilidade**

1. Qual a importância de registrar e compartilhar as histórias das mulheres atendidas pelo coletivo?
2. Na sua visão, de que forma o coletivo ajuda essas mulheres a se tornarem protagonistas de suas próprias histórias?

**Sobre liderança e legado**

1. Quais valores e princípios orientou sua liderança dentro do coletivo?
2. Como você imagina o futuro do Coletivo Mulheres da Luz ?
3. Qual mensagem você gostaria de deixar para outras mulheres que enfrentam situações de vulnerabilidade?

## FICHA TÉCNICA DO PRODUTO FINAL

### **À Luz da memória: mulheres que resistem**

Disponível em <https://youtu.be/KndREpWSXTU>

**Fundação Getúlio Vargas (FGV – Rio de Janeiro) | Escola de Comunicação, Mídia e Informação**

### **Orientação**

Professora Dra. Maria Carolina Medeiros

### **Coordenador Acadêmico do Mestrado Profissional**

Eurico Matos

### **Direção, Produção, Roteiro e Entrevistas**

Carla Regina de Oliveira

### **Fotografia, Áudio, Montagem e Edição**

André Hoff Nascimento

### **Músicas**

Tick Tock – Killian Kramer

Para todas das mulheres – Mariana Nolasco

### **Agradecimentos especiais**

Fundação Getúlio Vargas

Fundação Itaú

Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje)

Coletivo Mulheres da Luz

Pinacoteca de São Paulo